

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 03/07/2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
INSTITUTO DE ARTES – CÂMPUS DE SÃO PAULO

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

SÃO PAULO

2023

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Arte e Educação.

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Luciana Berti Bredariolli.

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F866 m	Freitas, Felínio de Sousa, Mediação de leitura para o encanto / Felínio de Sousa Freitas. - São Paulo, 2023. 256 f. Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Rita Luciana Berti Bredariolli Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Incentivo à leitura. 2. Mediação cultural. 3. Difusão cultural. 4. Candomblé. 5. Orixás. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 028.9
-----------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

Dissertação aprovada no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Dissertação aprovada em 03/07/2023.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes/UNESP – orientadora.

Prof. Dr. Tássio Ferreira Santana
Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB).

Prof^ª. Dr^ª. Rejane Galvão Coutinho
Instituto de Artes/UNESP.

Prof. Dr. Vagner da Rosa Amaro
Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade/PUC Rio.

Para o *Mpambu Njila* Malungo da *Nzó* Kyloatala e a Exu: pelo afeto, pelo silêncio e calma, pelas trapaças, movimentos e provocações, pela palavra e poesia, pela abertura e fechamento de caminhos, pelo encanto para a vida: a eles e por eles porque sim!

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Essa pesquisa possui muitos atravessamentos: de lugares, pessoas, experiências e situações de tempos de outrora e de agora. Logo, entrego palavras de agradecimento banhadas em água perfumada de alecrim:

À Prof^ª. Dr^ª. Rita Luciana Berti Bredariolli por se aventurar comigo nos diversos caminhos dessa encruzilhada-pesquisa-escrita, pela orientação, pela generosidade, liberdade e incentivo.

À Higina Marques, Elaine Narcizo e Milena Lima e Silva pela leitura e interlocuções no período em que esse estudo era apenas uma semente, e por dizerem palavras tão potentes e bonitas que abriram caminhos para que eu trilhasse essa jornada do ato de pesquisar.

Aos operários e operárias pelas trocas, provocações, acolhimento e atravessamentos.

Às agentes e aos agentes de leitura que me receberam nas empresas e indústrias.

Às minhas duas famílias: da *Nzó* Kyloatala, em especial ao *Tata Ria Inkisi* Kylonderu e a Makota Kuanzademim, pelo cuidado e afeto em todas as minhas chegadas, experiências e partidas – muitos saberes presentes nessa pesquisa não seriam possíveis sem os ensinamentos tecidos e guiados pelo tempo sem tempo (*Kiamboté Tat'etu Kitembu. Kiuá!*)¹. À minha mãe Deudeste do Carmo de Souza, pelo apoio, amor e por estar sempre presente comigo pelas diversas estradas que andei. Às minhas irmãs (Eliete e Eliana) e sobrinhas (Yasmim e Vitória) pela energia emanada a cada passo meu; e ao meu pai Félix Guimarães Freitas pelo apoio.

À Thayse Guedes, Maria Carolina Almeida Pires de Mello Doin (Mãe Manzele), Iandra Cartaxo, Danielle Fernandes Lima (Makota Ojufarany), Jorge Ceruto (Tata Gangazonybê) e Luciana Meira Alves que estiveram comigo de alguma forma durante esse período e em tempos de outrora.

À Rosangela da Silva pela amizade, aulas de espanhol, histórias e apoio.

À Aline Michele Nascimento Augustinho pela leitura sensível, indicações de textos e interlocução.

¹ Eu te saúdo nosso pai Tempo. Salve!

À Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho pela mediação instigante da disciplina “Histórias do ensino de arte no Brasil: do modernismo à contemporaneidade”, do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, e também pelas valiosas e sensíveis contribuições durante a banca de qualificação.

À Profa. Dr. Carminda Mendes Andres, que transformou a disciplina: “Seminários de Pesquisa I – Arte e Educação”, do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, em um território de acolhimento e poesia; e a todos os colegas que fizeram das noites de segundas-feiras um recanto de acolhimento em tempos pandêmicos.

Às Prof^{as}. Dras. Ana Cristina Juvenal da Cruz, Iraí Maria de Campos e Tatiane Cosentino Rodrigues pela condução acolhedora e humana durante a realização da disciplina “Africanidades, Diáspora Negra e Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Ao Prof. Dr. Nelson Schapochnik pela generosidade para falar sobre livro e leitura na disciplina “Leitura, História e História da Leitura”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP).

À M.^a Bel Santos Mayer pelas valiosas e sensíveis contribuições durante a banca de qualificação.

Às Prof^{as}. Dras. Graziela dos Santos Lima (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/UNESP Marília) e Amanda Leal Oliveira (Instituto Vera Cruz) por aceitarem compor a banca de defesa como suplentes.

Ao Prof. Dr. Prof. Dr. Tiganá Santana por fazer parte da suplência da banca de qualificação.

Às e aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE) e ao Grupo de Estudos Egungun pelas tardes de estudo, acolhimento e diálogos. Desses dois grupos, agradeço especialmente à Auana Lameiras Diniz, Miriane Borges, Raquel Santos, Levi Fernando Lopes Vieira Pinto, Rodrigo Lopes Costa, Lucas Oliveira, Moa Simplício, Janaína Ferreira, Gilvânia Santos e Camila Feltre. Ainda no núcleo do IA Unesp, à Felipe Micheli.

À equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação do Instituto de Artes.

Às equipes das Bibliotecas do Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo e da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) - Câmpus de Araraquara, ambas da UNESP.

A quem ficou encantado (*in memoriam*): ao meu tio Nivaldo – pela doçura, cuidado e amor; às minhas duas avós, Petronilia Guimarães e Albertina Barbosa do Carmo, que estão presentes nessa pesquisa em forma de afeto e ancestralidade.

Agradeço à *Nkasuté Lembá*, jovem guerreiro com alma de menino e que só se veste de branco!

Resumo

Por meio da autoetnografia, esta pesquisa investiga o trabalho com mediação de leitura realizado dentro de indústrias, especialmente de produção de sapatos, para operários e operárias em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo em um projeto de difusão literária e outros gêneros, entre os anos de 2017 a 2019. No estudo, a análise das mediações e do trabalho do mediador de leitura é realizada a partir dos saberes e poéticas do orixá Exu e de terreiros de candomblé. Logo, fazem parte dessa investigação assuntos como a formação de um mediador de leitura, a encruzilhada como aspecto essencial para pensar o espaço das mediações dentro das indústrias e empresas, a construção de um acervo a partir da cerimônia do padê, a palavra pensada a partir do axé dos terreiros de candomblé, a corporalidade-gestualidade envolvidas no ato leitor e as práticas leitoras de operários e operárias. Além disso, considera-se o corpo-*corpus* do mediador e do fazer mediação a partir da pedagogia dos terreiros e de Exu. Uma das conclusões da pesquisa indica que as mediações no espaço fabril se configuravam como mediações de leitura para o encanto, ou seja, aproximavam os interagentes da mediação para o contato com os livros e com a leitura por meio do afeto, do diálogo e das trocas de histórias entre os e as interagentes e o mediador.

Palavras-chave: Mediador de leitura; mediação de leitura; leitura no espaço fabril; orixá Exu; saberes de terreiros de candomblé.

Resumen

Por medio de la autoetnografía, esta investigación indaga sobre el trabajo con mediación de lectura hecho dentro de las industrias, especialmente de confección de zapatos, para operarias y operarios en algunas ciudades del interior del Estado de San Pablo en un proyecto de difusión literaria y otros géneros, entre los años de 2017 a 2019. En la investigación, el análisis de las mediaciones y el trabajo del mediador de lectura es realizado a partir de los saberes y poéticas del orisha Exu y de *terreiros* de candomblé. Por tanto, hacen parte de esta investigación temas como la formación de un mediador de lectura, la encrucijada como aspecto efectivo para pensar el sitio de las mediciones dentro de las industrias y las empresas, la construcción de un acervo a partir de la ceremonia del *padê*, la palabra pensada a partir del *axé* de los *terreiros* de candomblé, la corporalidad-gestualidad involucradas en el acto lector y las prácticas lectoras de operarias y operarios. Además, se considera el cuerpo-*corpus* del mediador y del hacer mediación a partir de la pedagogía de los *terreiros* y de Exu. Unas de las conclusiones de la investigación indican que las mediaciones en la zona fabril se configuraban como mediaciones de lectura para el encanto, es decir, aproximaban a los integrantes de la mediación para el contacto con los libros y con la lectura por medio del afecto, del diálogo y de las interacciones de las historias entre los y las integrantes y el mediador.

Palabras clave: Mediador de lectura; mediación de lectura; lectura en la zona fabril; orisha Exu, saberes de *terreiros* de candomblé.

Abstract

Through autoethnography, this research investigates the work with reading mediation carried out in factories (especially in the footwear production field) for male and female workers in some cities in the State of São Paulo. The project of literary diffusion took place between the years 2017 to 2019. In the study, the analysis of mediations and of the reading mediator's work considers the knowledge and poetics of Exu, the orisha of candomblé ceremonies. Therefore, the investigation subjects involve the formation of a reading mediator, the concept of "crossroad" as essential aspect for the space of mediations within industries and companies, the construction of a collection from the padê ceremony, an analysis of the "word" considering the axé of candomblé yards and ceremonies, the corporeality and gestures present in the act of reading and the reading practices of male and female workers. Furthermore, the mediator's own body-corpus and the act of reading mediation is studied with the pedagogy of the candomblé yards and Exu. One of the conclusions of the research indicates that the reading mediations in the factory space were configured as mediations for enchantment, that is, they created connections between the mediator and the readers through affection, dialogue and the exchange of stories.

Keywords: Reading mediator; reading mediation; reading in factory spaces; orisha Exu; the knowledge of Candomblé ceremonies.

Caminhos

1. Toda introdução é uma encruzilhada.....	13
2. Memórias que teceram um mediador de leitura.....	30
2.1 Um livro escrito com sons, imagens, silêncios, cheiros, palavras e pessoas.....	40
2.2 Quando encontrei uma casa feita de palavras.....	57
3. O meu encontro com Exu.....	70
3.1 O mediador: o coração da palavra.....	80
4. Uma encruzilhada chamada mediação e mediador de leitura.....	95
5. O meu terreiro para brincar com as palavras e para mediar livros.....	118
5.1 A encruzilhada: sobre as mediações realizadas.....	141
5.2 O axé das palavras: o que pode mobilizar a palavra?.....	163
5.3 Coreografias e performances leitoras: pensar o corpo na leitura ou a leitura dos corpos.....	177
5.4 Pensar o acervo ou fazer um <i>ipádê</i> de palavras.....	191
6. Mediação de leitura para o encanto.....	215
Referências.....	237

*Kiuá, Mpambu Njila! Pembedê!*²

*Ìbà r' abò mo júba!*³

1. Toda introdução é uma encruzilhada

Assim como Exu, o orixá mediador dos candomblés⁴ e que vive na encruzilhada, aqui, colocarei você em encruzilhadas textuais, caminhos que revelam dizeres sobre o ser mediador, mediação, livro e leitura, corpos leitores e leitoras/interagentes, memórias e experiências.

Essa pesquisa surge do meu trabalho como mediador de leitura dentro de indústrias e empresas em um projeto de difusão literária e de outros gêneros de leitura para operárias e operários em cidades do interior do Estado de São Paulo, entre os anos de 2017 a 2019. Nesse período, cruzei o “chão de fábrica” de 40 indústrias e empresas de pequeno, médio e grande porte, principalmente da área de produção de sapatos, locais nos quais as mediações de leitura constituíram o foco do estudo. Embora a maioria das empresas e indústrias fossem da área de confecção de calçados, o quadro era diversificado e ia de escritórios à usinas de cana de açúcar⁵.

Por mês, deveriam ser realizadas seis mediações de leitura junto ao proletariado, com público médio de 30 participantes em cada sessão. O projeto também envolvia a realização de exposições em painéis fotográficos (a partir de 2002) dentro desses ambientes, mas os relatos e análises das mediações das exposições não farão parte dessa pesquisa.

O projeto existe no Brasil desde 1948, e o seu funcionamento onde eu trabalhava permitia a descentralização do acesso aos livros para parte de uma população muitas vezes econômica, geográfica e culturalmente distante do mundo da leitura. A inspiração para a implementação do serviço surgiu a partir do contato de uma bibliotecária brasileira ao viajar para a Europa e conhecer as histórias de funcionamento de bibliotecas circulantes em diferentes

² Saudação ao *Nkisi Mpambu Njila*, entidade mediadora do candomblé congo-angola e que habita os caminhos e as encruzilhadas: “Viva o Senhor dos Caminhos! Nós te saudamos!”

³ Saudação a Exu nos candomblés iourubás que significa: “Eu reverencio, consigo a proteção e tomo a benção!”

⁴ Sobre a palavra, o compositor, intelectual e estudioso das culturas africanas, Nei Lopes (2012, p. 72) diz: “A raiz do termo está certamente no elemento banto *ndombe*, negro (quimbundo: *kiandombe*; quicongo e umbundo: *ndombe*). Mas a etimologia ainda não foi exatamente estabelecida.”

⁵ Entre 2018 a 2019, o quadro de empresas e indústrias atendidas por mim tinha a seguinte configuração: 19 indústrias de confecção de sapatos, 02 usinas de cana de açúcar, 01 instituição cultural relacionada à uma usina de cana-de-açúcar que atendia crianças, adolescentes e comunidade; 02 indústrias de maquinário industrial e agrícola, 02 empresas de metalurgia, 01 fábrica de piscina, 01 empresa operadora de TV por assinatura, 02 escritórios relacionados à construção civil, 01 canteiro de obras, 01 indústria de tinta, 01 cooperativa de produtores/agricultores de café, 02 fábricas de produtos de beleza, 02 abatedouros de aves, 01 instituição educacional e 02 empresas de fabricação de doces. O perfil das empresas e indústrias poderia sofrer alteração de um ano para outro, devido à alguma desistência do projeto por parte dessas instituições participantes. As empresas e indústrias participavam de forma gratuita do projeto.

países – como Escócia, Austrália, México, Rússia, dentre outros –, entre o século 19 e 20. Outro aspecto desta inspiração foi a possibilidade de, a partir dessas ações, viabilizar o encontro entre possíveis leitoras, leitores e livros.

Até chegar à estrutura com a qual trabalhei, o referido projeto passou por transformações ao longo das décadas. Inicialmente, carros levavam livros para os bairros mais afastados do centro da cidade de São Paulo, até que na década de 70 e a partir da abertura de algumas unidades da instituição fora da capital, iniciou-se o envio de obras literárias para as indústrias por meio dos trens da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro para o interior de São Paulo.

No ano de 2018, o projeto funcionava em 40 cidades, principalmente no interior de São Paulo, em São Paulo (capital) e em sua região metropolitana, atendendo 1.072 indústrias e empresas⁶. No ano de 2011, os profissionais que cuidavam do projeto passaram a ser chamados de Agentes de Atividades Culturais e somente no ano de 2017 passaram ao título de Mediadores Culturais. Vale destacar que, em sua grande maioria, os/as mediadores/as do projeto eram profissionais de áreas da instituição que seriam extintas e, diante da vaga ociosa no projeto no qual eu trabalhava, migravam em algumas situações para a função de mediador.

Ao mediar livros e a leitura nesse contexto⁷, observei mãos que viravam páginas, buscavam livros, mas que também se recusavam a tocar em livros (todo leitor ou leitora tem esse direito). Quando o tempo dessas mãos não estavam buscando o sensível por meio da leitura, elas martelavam, costuravam ou colavam o couro para fazer sapatos, dentre outras funções.

Portanto, o ponto de partida para investigar a prática de mediação dentro desses espaços é a minha experiência no trabalho com mediação dentro de indústrias, especialmente as de sapatos. Com isso, também investigo questões relacionadas ao livro e à leitura, como a curadoria de um acervo, a palavra dentro de um processo de mediação de leitura e a relação entre mediador e interagentes/leitores. Todas essas questões serão refletidas a partir da poética

⁶ Na unidade onde trabalhei como mediador de leitura, a partir da análise de contratos antigos, foi possível concluir que as atividades foram iniciadas no começo da década de 1990. O relatório de atividades da instituição do ano de 2018 aponta que foram realizados 93.726 empréstimos de livros pelo projeto.

⁷ Por questões éticas, o nome do projeto, das empresas e indústrias, da instituição na qual eu trabalhava, e até mesmo os nomes das leitoras e dos leitores que faziam/participavam da mediação não serão mencionados ao longo dessa escrita.

e das rasuras de Exu⁸ e dos saberes e pedagogias de terreiros de candomblés, como a escuta, a fala e os saberes ancestrais⁹.

Além das minhas experiências como mediador de leitura trago para dentro desse estudo os meus saberes como *Ndũmbe*, isto é, o filho de santo ainda não-iniciado ou aquele que está chegando e sendo ensinado pelos mais velhos de terreiro, na *Nzó*¹⁰ *Kyloatala*¹¹, casa de candomblé da nação congo-angola localizada na cidade de Embu-Guaçu (SP). Nesse sentido, incluo minhas passagens dentro de outras casas de santo que conheci, fui filho por algum tempo ou frequentei como visitante.

Um dos atravessamentos que estará presente nesse estudo e que norteia a pesquisa é a encruzilhada. Vale destacar que por ser filho de santo de uma casa da nação congo-angola, ou seja, que possui outra concepção sobre as entidades do candomblé, opto e adoto o orixá Exu, deus iorubano, como aporte teórico desse estudo, na intenção de refletir sobre o fazer mediação e sobre o mediador de leitura. No processo de investigação da pesquisa sobre mediação e mediador, a escolha de Exu como norteador desse trabalho – e não de *Mpambu Njila*, entidade igualmente mensageira que vive e atua nas encruzilhadas – deriva justamente pelo orixá ter sido

⁸ As referências associadas a Exu e ao seu culto não são homogêneas, segundo Vagner Gonçalves da Silva. Ainda sobre o orixá, o autor reflete que ele “resulta de um longo processo de trocas, diálogos, negociações, imposições e resistência entre os sistemas religiosos africanos e os de origem cristã, como o catolicismo e, mais recentemente, o neopentecostalismo.” (2019, p. 18). Também deve-se levar em consideração outras questões, como as variações que acontecem conforme o sistema religioso em que Exu está inserido: o candomblé e suas variantes, Umbanda, Quimbanda, Jurema, dentre outros.

⁹ O historiador Jaime Sodré (2009, p. 2-3) ressalta que, em relação à religião afro-brasileira, há “uma divisão convencionalizada em base linguística, estabelecida como nações de candomblé, inclusive com variedades classificatórias no âmbito das diversidades dos estados que formam a federação brasileira e a presença de determinada etnia africana nos mesmos em tempos coloniais. O modelo geral seria: Ketu-nagô (yorubá), Jexá ou Ijexá (yorubá), Jeje (fon), Angola (banto), Congo (banto), Angola-congo (banto). Acrescenta-se a essa divisão o candomblé de Caboclo. Vale registrar a presença do orixá EXU, nas suas diversas variáveis, como elemento dinamizador das práticas dessas nações.” Cabe destacar que na nação do candomblé congo-angola, a entidade que possui características ou pode ser aproximada a Exu (mas não é Exu) é *Mpambu Njila*, questão registrada por Vagner Gonçalves da Silva (2019, p. 64-65): “No candomblé de tradição banta (angola e congo), o correspondente ao orixá Exu é o inquite (Nkisi) conhecido como Aluvaiaá, Gongobira, Bombojira, Pambojila, Unjira, Unjila, Nzila, Mavambo, Mavile, Jiramavambo, Pavenã, Mancuce, Quitungueiro, Caracoci, Cariapemba, entre outros nomes (CARNEIRO, 1937; SANTANA, 1984). Nesta nação, ele também desempenha o papel de mensageiro divino, representado pela encruzilhada, de protetor das casas e intermediário entre os homens e o mundo dos ancestrais e outras divindades.”

¹⁰ Palavra Kimbundu que significa habitação, domicílio, moradia, casa. No Brasil, a palavra é usada para identificar o terreiro, casa ou roça de candomblé. Na língua Kimbundu, a letra N ante uma consoante em uma palavra é dita de forma nasalada/tem som nasal de “IN”. Sendo assim, *Nzó* é pronunciada como “Inzó”. Segundo Antônio de Assis Junior (1958), a palavra *Nzo* é uma abreviatura da palavra *Înzo*, dentro da língua Kimbundo.

¹¹ O *Kyloatala* está sob os cuidados do líder Tata Kylonderu, que é filho de santo de Tata Mona Guiamazy, sacerdote da Casa de Candomblé Angola Redandá, fruto das raízes do terreiro de Tata Londirá (Joãozinho da Goméia). Tata Londirá tornou-se um dos mais famosos pais de santo do Brasil e também foi o responsável pela visibilidade do candomblé angola, sendo chamado pelos meios de comunicação como o “Rei do Candomblé”, além de ter exercido um importante papel de mediador/difusor de visibilidade do candomblé de nação angola.

o sentido/motivo do trabalho, a partir do meu encontro com ele no MASP por meio do texto do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva.

A adoção de Exu como aporte teórico também justifica-se pelo pouco material publicado sobre o candomblé de raiz congo-angola e sobre a entidade *Mpambu Njila*, questão ressaltada pela educadora e antropóloga Janaína de Figueiredo (2021, p. 32) durante a escrita do livro *Nação angola – caboclos, nkisis e as novas mediações*¹²:

Durante a construção deste livro, esbarrei com algumas dificuldades. Uma delas consiste nos poucos registros históricos e etnográficos disponíveis sobre essa Nação de Candomblé. Isso mostra o quanto o modelo de pureza Nagô permeou os estudos afro-brasileiros, trazendo desdobramentos intransponíveis para a compreensão da Nação Angola.

Todavia, nesse estudo, os saberes dos povos bantus dialogam com os saberes dos povos iourubás por meio de uma metodologia baseada na encruzilhada. Com esta proposta de cruzo e a partir dos saberes de povos culturalmente distintos, é possível o diálogo, as intersecções, formações, transformações de ideias e os cruzamentos de poéticas. Além disso, viabiliza-se aportar e interpretar complexidades ou criar multiplicidades de sentidos, questões que refletem e fazem parte do tecido-formação afro-diaspórica que forjou o Brasil. Nesse sentido, como a poeta, ensaísta e dramaturga carioca, Leda Maria Martins:

Na complexidade de sua textualidade oral e na oralitura da memória, os rizomas africanos inseminaram o *corpus* simbólico europeu e engravidaram as terras das Américas. Como o imbondeiro africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, intersecções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações. (2021a, p. 31).

Assim, ao partir das minhas experiências como mediador de leitura no “chão de fábrica” por meio de ações pensadas a partir do orixá Exu e dos saberes de terreiros de candomblés – principalmente a *Nzó Kyloatala* com os seus saberes de raiz bantu –, o objetivo é analisar as experiências, os caminhos afetivos e poéticos do trabalho com mediação de leitura dentro do espaço fabril e o acesso ao livro-leitura como fortalecimento de processos de existência-cidadania, a leitura de mundo da qual falava o educador e filósofo Paulo Freire (2011a).

¹² Essa questão da ausência de materiais também é ressaltada por Dayra Iris Elias dos Reis (**Makota Kyanleci**) da *Nzó Kyloatala*, ao refletir que a publicação de materiais sobre o candomblé de nação congo-angola tem como proposta “[...] contribuir concomitantemente para a **construção de memória**, haja vista a negligência que permeia a **documentação** de saberes acerca desta nação em específico, quando examinamos a **parca** produção cinematográfica, editorial e acadêmica sobre os povos **bantu, primeiros escravizados** a chegarem na terra, **formadores civilizatórios** dessa nação.” (2022, s/n).

Interpretar a minha atuação como mediador de leitura a partir de Exu relaciona-se ao fato de o orixá ser conhecido como mediador e mensageiro nas religiões afro-brasileiras e suas variantes. Por meio da sua sabedoria com a palavra, Exu traz em sua essência o cerne da contradição, da provocação, da brincadeira, da incerteza ou certeza e do acolhimento nesse processo de mediar:

[...] Èṣù é igualmente mestre da multiplicidade, assumindo várias formas, cada uma delas nomeada em função de suas características. Não se conhece o número exato dessas formas, mas a quantidade e a diferença entre elas indicam claramente o caráter inapreensível dessa divindade. (CAPONE, 2018, p. 67).

A partir do pensamento da antropóloga Stefania Capone, busco responder no que consiste o cruzamento poético, mediativo, afetivo, educacional, polifônico e dialógico entre os saberes de Exu e os praticados por um mediador durante o exercício da sua atividade, ou seja, ao mediar livros e literatura.

Dessa forma, alguns questionamentos abordados pela pesquisa são: onde os saberes de Exu e de um mediador de leitura se encontram nessa encruzilhada do saber, ou seja, no ato da mediação? Como ambos poderiam dialogar a partir de uma perspectiva ou caminho? Como os saberes/*corpus* poético, político e ético de Exu e de um terreiro de candomblé podem subsidiar a atuação de um mediador ou de uma mediadora de leitura?

O primeiro cruzamento entre Exu e mediadoras e mediadores de leitura está alicerçado na comunicação, na palavra. Enquanto mediador de todos os trânsitos comunicativos entre as esferas astrais, a missão de Exu é intermediar os saberes diversos entre os seres destes mundos e entre os humanos. Todavia, para mediar, o orixá provoca o ouvinte/receptor com o objetivo de transformar ou de ressignificar a mensagem, de misturar, de criar confusão com a palavra e com o conhecimento, de fazer poesia por meio da língua, dentre muitas outras peripécias comunicacionais e sensíveis.

Mas quem é Exu? Talvez os mais apressados para saber quem ele “é” estejam esperando aparecer uma definição nesse texto. A partir da minha experiência, Exu não se explica e não se define¹³; porém, por meio desta escrita, farei uma mediação textual sobre o orixá e apontarei

¹³ Neste trabalho que utiliza a observação participante do autor, os encontros com o orixá e com *Mpambu Njila* Malungo da *Nzó* Kyloatala – casa de santo da qual o pesquisador é filho – têm papel importante na ressignificação das abordagens teóricas e bibliográficas. O diálogo e conselho a seguir revela um encontro ocorrido em 2020, em uma madrugada de domingo para segunda, com o *Njila* Malungo. Durante essa conversa, pedi autorização para estudar a mediação de leitura a partir dos saberes de Exu e das pedagogias dos terreiros de candomblé. Seu Malungo aconselhou: “Não tente compreender quem é Exu ou ‘prendê-lo’ dentro de um conceito, pois você não conseguirá. Sua cabeça e todo o conhecimento existente no mundo não darão conta de dizer quem ele é. Exu é liberdade!”. Portanto, diante dessas questões apontadas e da multiplicidade de significados sobre o orixá, quando

algumas possibilidades “interpretativas” que estão presentes na sua poética e dinâmica de atuação. Diante das observações anteriores:

O “autor” não escondeu o fato de que inventaria “seu” texto-Exu, que manipularia o *corpus* de pesquisa, que produziria corpos para Exu, encenando-o, colocando-o em cena, através da linguagem que é “arbitrária” e ideológica. Não excluiu (é possível?) sua memória, sua vivência, seu conhecimento empírico, porque estava convencido de que a precaução, supostamente científica, deveria dar lugar à audácia das ideias [...]. (FERNANDES, 2018, p. 11).

A partir da leitura de mundo (FREIRE, 2011a), dos saberes de Exu e dos terreiros de candomblé, questiono: Como fazer ou pensar mediação em um país como o Brasil? Como rasurar a colonialidade ainda presente como modelo de pensamento e como esse pensar violenta vidas, sensibilidades e corpos? Como inscrever outras grafias poéticas por meio da mediação da palavra e da leitura? Seria possível mediar livros sem levar em consideração a história do leitor ou da leitora, sem escutar (com real desejo de escutar) a sua fala e o que ela traz/deixa nas entrelinhas?

O objetivo de refletir sobre a minha atuação como mediador de leitura a partir de Exu e dos saberes de terreiros de candomblé é “entender” os cruzamentos poéticos e educacionais, assim como os deslocamentos, as conexões, tensões e as polifonias emergentes do trabalho com mediação no âmbito do projeto em que trabalhei entre os anos de 2017 e 2020. A partir das peripécias com a palavra, com o corpo, com o dito e o não dito de Exu em um terreiro de candomblé, busco pensar a mediação de leitura – ou o corpo de um mediador de leitura – com o orixá como aporte pedagógico para uma insubordinação no ato de ler e fazer mediação.

O processo de pesquisa, a escrita e a investigação desse estudo são pensados a partir da metodologia da autoetnografia, sob as conceituações do pesquisador Silvio Matheus Alves Santos (2017) e dos pesquisadores Tony E. Adams, Arthur P. Bochner, Carolyn Ellis (2019). Ademais, o sujeito que investiga é o mesmo que vive/viveu as experiências, ou seja, nessa encruzilhada textual estão entrelaçadas as minhas experiências como mediador dentro das indústrias e empresas e as vivências como filho de santo.

Sobre autoetnografia, Santos (2017) explica que esse método usa a experiência particular do investigador para a descrição e para criticar os fatos e experiências descritas. Nesse processo, há uma valoração da relação do investigador com os sujeitos do contexto da pesquisa,

o pesquisador escreve que fará uma mediação sobre Exu essa ideia provém justamente desse conselho dado pelo *Njila Malungo*.

além de um procedimento de reflexividade por meio de quem conduz o estudo e suas conexões entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro:

Assim posto, o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. (SANTOS, 2017, p. 219).

Se o método autoetnográfico tem como fonte a experiência pessoal do pesquisador para análise e relato da situação estudada, logo são cumpridos protocolos e usadas ferramentas teóricas e metodológicas científicas provenientes das ciências sociais para investigar essas experiências (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2019). No método autoetnográfico adotado por esse estudo, as fábricas e as mediações de leitura são pensadas a partir dos saberes dos terreiros de candomblé, de Exu, e das minhas relações com esses saberes sensíveis.

Ainda dentro dessa autoetnografia, outra metodologia adotada para saber quais foram os fios que teceram e constituem a minha sensibilidade para ser um leitor e para ser/estar um mediador de leitura é a “narração de si”. A “narração de si” aborda as experiências de vida e formação, ou seja, é um processo de “caminhar para si”, metodologia pensada pela socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso¹⁴. Esse “caminhar para si” leva em consideração uma série de atravessamentos oriundos de diversos contextos sociais e culturais:

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos –, começam a desenhar os contornos da singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessam; valores ou valorizações que orientaram escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes. (2004, p. 64).

No território onde eu vivia, antes de chegar a aprender a ler as palavras escritas, havia uma outra maneira de ler, que ocorria bem antes dos processos escolares de alfabetização. Isto é, eu fui ensinado a ler o território onde estava, a ler a terra, e esses ensinamentos foram gestados

¹⁴ Uma das principais obras da autora publicadas no Brasil é *Experiência de Vida e Formação* (2004), na qual traz um novo olhar para proposta de trabalho com formação de adultos, ao levar em consideração a vida pessoal e não apenas as questões profissionais de uma pessoa. Por meio das experiências e memórias é possível trilhar os caminhos percorridos dentro de determinada área de atuação/assunto que podem auxiliar a interpretar a trajetória profissional ou pessoal de um grupo ou de determinada pessoa.

por meio da oralidade presente nas relações familiares. Nessa leitura, havia uma “inteligência de mundo”, ou seja, “[...] a leitura de mundo” antes da “[...] leitura da palavra”; com isso, “linguagem e realidade” estavam unidas de forma dinâmica, conforme a reflexão de Paulo Freire (2011a, p. 19-20).

Por meio da metodologia da “narração de si”, observa-se que a partir do momento em que outras vozes leem e interpretam o contexto histórico e as suas próprias histórias, há uma chance de ampliar a percepção da nossa maneira de estar, sentir, pensar e traçar rotas para outras compreensões históricas, fazeres e até mesmo para narrar memórias não contadas, assim como possibilitar, interpretar e aprofundar o conhecimento sobre determinados assuntos. Com este processo, é possível fazer um giro contra-narrativo dos fatos e conhecimentos para não narrarmos uma história única, como pensa a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

A escrita autoetnográfica – ou narração de si – é a metodologia adotada nesse trabalho e também pode ser considerada a partir do conceito da “Escrevivência”, pensado pela poeta, romancista e contista mineira Conceição Evaristo (2020). Para a autora, a reflexão sobre o termo “Escrevivência” tem como figura central a Mãe Preta, responsável na casa-grande pelos cuidados forçados, tais como alimentação, ensinar as primeiras palavras e até mesmo contar histórias de ninar para que os filhos e filhas dos senhores e senhoras da casa-grande no período colonial adormecessem. Logo, a partir dessa imagem de servidão forçada, Evaristo propõe que anteriormente a voz não pertencia a essas escravizadas; todavia, na contemporaneidade, a escrita e a voz foram apropriadas por alguns grupos subalternizados e marginalizados. Assim, junto à força da oralidade proveniente de uma ancestralidade, a escrita e a voz podem ser caminhos não mais para “[...] adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” (2020, p. 30).

Embora a Escrevivência tendo sido pensada a partir do contexto citado no parágrafo anterior, Evaristo afirma que “isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência.” (SANTANA; ZAPPAROLI, 2020, s/n). Sendo assim, a Escrevivência é uma narração de si, uma escrita que une e tem como aporte as vivências pessoais da pessoa ou de um coletivo para o processo de escrita e reflexão:

É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. [...] Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me

autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. [...] Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (EVARISTO, 2020, p. 34-35).

Dito isso, escrever e contar as minhas histórias e falar sobre os meus processos de mediação dentro das indústrias e empresas configura um ato polissêmico, de acordo com a reflexão do semiólogo, antropólogo e filósofo Jesús Martín-Bárbero, e da especialista em literatura infantil e juvenil e promoção da leitura, Gemma Lluch (2011, p. 41, tradução nossa):

A polissemia do verbo *contar* em castelhano é então maravilhosamente pedagógica. Pois contar pode significar *contar contos* e ser levado em conta por outros, e além disso, fazer contas. Nesse verbo temos a presença de duas relações performativas. Em primeiro lugar, a relação do contar histórias com o contar para os outros, com o ser levado em conta, de maneira que para ser reconhecido por outros é indispensável contar nosso relato, pois a narração não é somente expressiva senão constitutiva do que somos tanto individualmente como coletivamente. E especialmente no coletivo, as possibilidades de ser reconhecidos, levados em conta e de contar nas decisões que nos afetam, dependem da capacidade que tenham nossos relatos para dar conta da tensão entre o que somos e o que queremos, e aquilo que nós sentimos que é nosso direito de ser ¹⁵.

Uma das justificativas de aportar e pensar a mediação de leitura dentro das indústrias e empresas a partir da pedagogia dos terreiros é que, ao longo da história brasileira, esses espaços se constituíram como locais de mediação do saber e de cuidado com a palavra: ambientes de acolhimento e de construção de outras narrativas sensíveis e modos de estar, questões que também são possibilidades e estão presentes dentro de um processo de mediação de leitura.

Ao “beber” dos saberes dos terreiros e de Exu para investigar os locais onde eu realizava mediação, ou seja, as indústrias e empresas, trago uma reflexão sobre o cuidado com a palavra, com a escuta, com os silêncios, com as grafias e saberes presentes no corpo (MARTINS, 2021a), dentre outras questões. Essa interpretação realiza-se por meio do *corpus* teórico sobre o assunto, a partir de autores como a historiadora e educadora Vanda Machado (2019) e dos atravessamentos presentes no meu corpo enquanto transita e pertence a esse espaço.

O local de morada de Exu, isto é, a encruzilhada, é uma das metodologias adotadas nessa pesquisa. Assim, emprega-se o reconhecimento da encruzilhada como “organização

¹⁵ No original: “La polissemia del verbo contar en castellano resulta entonces maravillosamente pedagógica. Pues contar significa a la vez contar cuentos y ser tenidos en cuenta por los otros, y además hacer cuentas. En ese verbo tenemos la presencia de dos relaciones performativas. En primer lugar, la relación del contar historias con el contar para los otros, con el ser tenidos en cuenta, de manera que para ser reconocidos por los otros es indispensable contar nuestro relato, pues la narración no es sólo expresiva sino constitutiva de lo que somos tanto individual como colectivamente. Y especialmente en lo colectivo, las posibilidades de ser re-conocidos, tenidos en cuenta y de contar en las decisiones que nos afectan, dependen de la capacidad que tengan nuestros relatos para dar cuenta de la tensión entre lo que somos y lo que queremos, aquello a lo que nos sentimos con derecho a ser.”

metodológica”. Com isso, estrutura-se uma encruzilhada textual, na qual o saber e o processo de pesquisa, assim como o pesquisador-mediador de leitura (ou espaço de mediação), assumem um local de dúvidas e incertezas, chegadas e partidas para começos e recomeços de ideias para outros pensamentos, provocações ou silêncios para o gestar da ambiguidade-mediação da pesquisa.

As encruzilhadas são lugares de passagem de alguma coisa para outra. Esse aporte metodológico auxilia pensar os trânsitos do ato de pesquisar, do gesto de estar mediador, os locais onde eu realizava mediação – isto é, as portas dos refeitórios das indústrias e empresas – e o cruzo de conceitos. Nessa encruzilhada, como um Exu num ato de bordar o pensamento, colocarei para dialogar sobre o assunto pensadores e pensadoras como Leda Maria Martins (2021a), João Carlos Gomes dos Anjos (2006), pesquisador e doutor em antropologia social; o escritor e pedagogo Luiz Rufino (2019), o educador e babalorixá Síkírù Sàlámi (2011) – ou King –, e a ialorixá, educadora e pesquisadora Ronilda Iyakemi Ribeiro (2011).

Dentre os motivos que me levam a adotar a encruzilhada como “organização metodológica” dessa pesquisa, é possível citar a reflexão do pesquisador baiano e Tata Dya Nkisi¹⁶, Tássio Ferreira Santana (2019, p. 32) que, em sua afirmação sobre a encruzilhada, explica que esta “[...] congrega forças e dissemina, faz circular as informações, organiza, difunde e reordena a energia que retoma.”

A “encruza”, como é chamada carinhosamente pelos integrantes das religiões de matriz afro-brasileira, permite o cruzo, o bordar, o entrelaçamento de viabilidades de acontecimentos e até mesmo o não acontecimento (que também é um acontecer), aspectos igualmente presentes durante uma mediação de leitura. Falar da encruzilhada – e a partir dela – é falar sobre possibilidades, cruzamentos, abandonos e atravessamentos.

A importância e justificativa para a realização dessa pesquisa envolve o fato de que, em geral, as investigações sobre mediação cultural centram as suas análises dentro dos espaços tradicionais, como museus e outros ambientes culturais, ou na mediação de leitura no espaço escolar, ou seja, em locais onde estas atividades acontecem com mais frequência. As ações de mediação de leitura/cultural dentro de fábricas raramente são objeto de estudo, pelo motivo de sua pouca realização dentro desses espaços¹⁷.

¹⁶ Cuidador ou Pai de Santo dentro da nação do candomblé de raiz congo-angola.

¹⁷ Uma experiência mundialmente conhecida relacionada à leitura dentro de fábricas ocorre em Cuba, desde o final do século 19, mais especificamente a partir de 1865, em Havana. A ação foi uma iniciativa dos sindicatos das indústrias de tabaco. A leitura em voz alta, realizada a partir de um púlpito, era no começo uma função exercida por um operário da mesma fábrica e, posteriormente, continuada por outro trabalhador após 30 minutos. A leitura dentro das fábricas cubanas permitia que os operários tivessem contato com obras literárias, notícias de jornais, poemas, dentre outras leituras, enquanto enrolavam charutos no ambiente de trabalho. Ao fim do século 19, havia

Logo, esse estudo é uma forma de preencher a lacuna de investigação dentro de um campo de mediação distinto, além de fomentar e, possivelmente, contribuir para o pensamento de ações de leitura para esse público, ampliando a investigação dentro da área para outros espaços.

Este trabalho também é uma maneira de analisar e refletir sobre como o processo de mediação de leitura/cultural acontece dentro de indústrias e empresas, e como essa prática democratiza o acesso a obras literárias e não literárias em regiões com populações com pouco acesso a bens culturais. Dessa forma, busca investigar as práticas de mediação com operárias/os e como eles se relacionam com a leitura e com o livro.

A justificativa da realização dessa pesquisa também inclui a abordagem e a reflexão sobre a mediação de leitura a partir do fazer e dos saberes do mediador. Um dos benefícios dessa abordagem é que viabiliza reflexões e questionamentos do próprio mediador sobre sua prática, em posse de uma teoria já existente sobre o tema como aporte para esse pensar. Como resultado, possivelmente, as questões presentes nessa pesquisa poderão fomentar a teoria sobre mediação de leitura ao trazer as experiências, apontamentos e outros sentires e olhares sobre esse processo a partir da perspectiva autoetnográfica.

Se estou falando sobre mediação de leitura, é importante pensar sobre a história do livro no Brasil. Sobre esse assunto, a pesquisadora e educadora Flávia Rosa (2014) ressalta que oficialmente, as primeiras obras aportaram em solo brasileiro pelas mãos dos jesuítas no ano de 1549, a partir da criação e instalação do Governo Geral, em Salvador (BA). Com essa instalação, o país passa a contar com atividades administrativas, sociais e econômicas.

Um salto temporal dentro dessa perspectiva histórica indica que o surgimento da publicação de livros e da imprensa no Brasil foi marcado por censura. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996), pesquisadoras fundamentais para entender os caminhos sobre a leitura e o livro no Brasil, salientam que até o ano de 1808 a publicação de impressos produzidos no país

em Cuba cerca de 500 tabacarias que empregavam mais de 15 mil pessoas. A pesquisadora mexicana Araceli Tinajero (2007) ressalta que o setor do tabaco apresentava alto índice de analfabetismo se comparado a outros setores artesanais, mesmo com acesso razoavelmente facilitado a folhetins, revistas ou jornais populares: “Na ilha havia um total de 1.400.000 habitantes, dos quais aproximadamente 75% da população branca era analfabeta enquanto na população negra a porcentagem chegava a 95%.” (2007, p. 28, tradução nossa). O resultado dessas leituras, junto à ação dos sindicatos, foi que em um curto espaço de tempo – um semestre – ocorreu a abertura de escolas e bibliotecas que, para atender esses tabaqueiros, permaneciam em funcionamento no período noturno; também surgiram grêmios de trabalhadores do tabaco que agregaram profissionais de outros setores. A obra *El lector de tabaquería: Historia de una tradición cubana*, de Tinajero, traz uma excelente análise e interpretação sobre a leitura dentro das tabacarias cubanas, as transformações, as repressões e censuras dessas leituras, além do surgimento de núcleos leitores dentro de indústrias em outros países, por exemplo, Estados Unidos e Porto Rico, a partir da migração de alguns cubanos em função da Guerra que assolava o país.

praticamente inexistente. Somente com a chegada da coroa portuguesa e a transferência da administração real para o Rio de Janeiro – e com a necessidade de publicações de atos e proclamações – é que esse processo se inicia. No país, estava proibida a impressão de qualquer manuscrito que não tivesse origem na Imprensa Régia. Além disso, a produção de obras literárias só seria possível após terem o seu conteúdo analisado previamente.

As pesquisadoras ainda ressaltam que um alvará de 20 de março de 1720 impedia a instalação de manufaturas, por exemplo, dedicadas às “letras impressas”. A abolição da censura prévia e o surgimento de outras tipografias surge somente a partir de 1821. No Brasil, apenas por volta de 1840 há o surgimento de alguns traços para a possível formação de um público leitor, pois nesse período surgem livrarias, tipografias, bibliotecas e o sistema escolar com elementos mínimos para a produção e circulação de livros.

Todavia, Flávia Rosa destaca que a primeira política pública pensada para a área do livro e a biblioteca no Brasil só foi gestada no ano de 1937, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL). Dentre as atribuições do INL estava o estabelecimento de ações voltadas para as bibliotecas públicas e de difusão e informações para a sociedade. Nos anos 1990, as questões atribuídas ao INL foram repassadas para a Fundação Biblioteca Nacional. Ainda assim, existem alguns questionamentos sobre as atividades feitas pelo INL, como o financiamento da “[...] produção de livros pelas editoras privadas e realizar a aquisição desses livros para as bibliotecas. Outra questão que ficou patente é que a simples oferta de livros não garantiu a formação de práticas de leitura.” (ROSA, 2014, p. 45).

Após esse breve histórico sobre o livro e a leitura, ressalto que na presente pesquisa o termo “participantes da mediação” – ou seja, os que estavam no espaço de realização da mediação – será substituído por “interagentes”. A escolha da terminologia “interagentes” dentro da temática abordada envolve o conceito que melhor define e abarca as complexidades e as relações estabelecidas por mim como mediador junto aos leitores e leitoras/interagentes no espaço onde eu mediava, isto é, dentro das indústrias e empresas.

Para essa conceituação e troca de terminologia, anoro o meu pensamento nas reflexões das bibliotecárias Elisa Corrêa (2014) e Mariana de Souza Alves (2017), pois ao me entender e ao compreender o operário ou a operária no espaço da mediação “[...] como um interagente, ou seja, alguém que transforma e é transformado a partir do diálogo e da negociação” isso pode “[...] abrir espaços para uma participação mais efetiva em diferentes áreas de sua unidade de informação.” (CORRÊA, 2014, p. 36).

Sendo assim, o termo “interagente” define um sentido mais participativo, de troca, e até mesmo abrange as relações entre as diversas questões sobre mediação que surgem nessa pesquisa de forma mútua. A utilização da palavra “interagente” também desloca meramente a questão do “uso” (ou da simples participação) para um processo de troca efetiva-interação, questões pensadas dentro da poética de Exu, de cruzos e trocas, de afetação, de sensibilização e deslocamentos, que reforçam a pertinência do uso dessa terminologia ao longo do texto:

Estabelecer uma relação com o público-alvo dos produtos e serviços de informação considerando-o como um interagente, significa olhar o ‘usuário’ com outros olhos. Representa percebê-lo como um parceiro, como alguém que não apenas usará o que lhe for oferecido, mas que contribuirá na construção do que se pretende chamar de biblioteca enquanto comunidade. É preciso reconhecer que ele é parte constituinte do que uma biblioteca realmente significa nos dias atuais, e que, na condição de interagente, pode e deve ser um ator verdadeiramente participativo. Isso fará toda a diferença. (CORRÊA, 2014, p. 35).

Todo esse processo pode ser percebido nessa pesquisa não somente durante os relatos sobre as mediações, mas também por meio das falas desses interagentes/leitores que afetavam e orientavam a minha ação para a curadoria do acervo, guiada pela escuta dos desejos dessas leitoras e desses leitores:

Nesse sentido, para além do uso da informação, a concepção de negociação e compartilhamento da informação torna o processo de mediação uma ação conjunta de diálogo, interação e discussão que promove e estimula as práticas informacionais dos sujeitos. A interação pressupõe participação efetiva dos sujeitos e ação transformadora, oportunizada pelo diálogo. (ALVES, 2017, p. 38).

Portanto, todas as vezes que a palavra “leitor”/“leitora” – tanto no singular quanto no plural – for mencionada dentro do estudo, ela deve ser pensada e refletida dentro do contexto que a palavra interagente traz, significa e propõe. Pois, nesse sentido, o uso do “[...] termo genérico ‘leitores’” não abarca a complexidade dos atos de mediação dentro dessa pesquisa “[...] já que a inserção” no território onde acontece a mediação de leitura “[...] pode envolver outras formas de interação, embora a centralidade esteja nos eventos de leitura e de acesso ao livro.” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018, p. 54).

A questão apontada no parágrafo anterior pode ser percebida em algumas situações da pesquisa em que a vida do leitor-interagente e os diálogos gerados por eles e elas marcavam pontos de inflexão e diálogos com o mediador sobre diversos assuntos que extrapolavam meramente a mediação do livro e a leitura.

Assim como na encruzilhada, essa dissertação será composta por 4 capítulos-caminhos. O primeiro será “Memórias que teceram um mediador de leitura”, onde narro experiências

relacionadas à minha formação leitora, o contato com os livros, de que forma esses gestos teceram minha sensibilidade e como esses atravessamentos estão presentes nos meus atos de mediar o livro e a leitura. Surgem nesse horizonte textual as minhas experiências de infância na Bahia até a fase adulta no interior de São Paulo. A partir dessas histórias, procuro traçar como fui tecido por meio de sensibilidades diversas ao longo da vida e como essas experiências estavam presentes nos meus atos ao realizar mediação de leitura dentro de indústrias e empresas.

O segundo “caminho” será “O meu encontro com Exu”, no qual abordo a minha visita em 2018 na Exposição Memórias Afro Atlânticas no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e o meu encontro com o orixá na exposição por meio do texto do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, eventos que deram início à minha reflexão sobre a relação entre os saberes de terreiros, o orixá e mediação de leitura, dentre outras questões que originaram essa pesquisa. Partindo para outro “caminho textual” dentro desse capítulo, chego ao subitem “O mediador: o coração da palavra”, em que a escrita fará algumas considerações para uma possível mediação inacabada sobre quem pode “ser” Exu e como ele pode ser um aporte, ancoragem conceitual e poética para pensar a mediação de leitura, a palavra e o estar-ser mediador.

Saindo dessa “estrada”, chego ao terceiro caminho: “Uma encruzilhada chamada mediação e mediador de leitura”. A escrita investigará e cruzará algumas questões presentes nas possíveis definições sobre “mediação” ou “mediação de leitura” a partir de autores como o pesquisador chileno Felipe Munita (2014); do bibliotecário colombiano Luis Bernardo Yepes Osorio (2013); Ana Garralón (1991), dentre outras e outros. Nesse percurso, ao trilhar essas possíveis definições, revelo que ao fazer mediação também estava inserindo novas raízes de significação dentro do tema e, com isso, chego à palavra encruzilhada, morada de Exu, como uma metáfora para refletir sobre o fazer mediação ou como metáfora para o mediar.

No quarto caminho, “O meu terreiro para brincar com as palavras e para mediar livros”, reflito sobre o espaço em si onde aconteciam as mediações: as portas dos refeitórios pensadas a partir do conceito de encruzilhada. Essa análise trará as reverberações, as tensões e a poética da minha atuação nesses locais junto aos leitores e leitoras. Investiga-se, ainda, a palavra (escrita ou falada) na mediação e os seus cruzos com o axé dos terreiros. Para essa reflexão trarei questões como a escuta, o cuidado e as mobilizações feitas pela palavra, ou seja, o axé e os corpos como locais de inscrições de poéticas.

Em outro “caminho” dentro desse texto serão abordados a importância da inserção dos corpos dos leitores e das leitoras (LITTAU, 2008) e os movimentos corporais realizados por esses operários e operárias durante as mediações-leitura pensados como uma coreografia/performance leitora. Ainda dentro desse caminho, a construção do acervo mediado dentro das indústrias será considerado por meio do *ipàdê*, cerimônia realizada no candomblé.

Se o mediador de leitura é um narrador ancestral, como poetiza a educadora Alaís Ribeiro Ávila (2007), os caminhos/capítulos sempre começarão a partir do encontro simbólico-inventivo entre Exu e inspirado na menina Obax, do livro *Obax*, do escritor e ilustrador André Neves (2011). Na história original, a sonhadora e esperta menina é uma excelente contadora de histórias e decidida a encontrar uma chuva de flores inicia uma grande aventura.

Portanto, no começo de cada “caminho”, Exu e Obax dialogarão sempre na encruzilhada, como um convite para que os seus sentidos entrem e caminhem pelas estradas e veredas do texto. Esse encontro simbólico tem um motivo: esta foi uma das obras mediadas para os operários e operárias nas portas dos refeitórios dentro das indústrias e empresas, assim como algumas outras que costuram determinadas passagens do texto.

Para quem entra em um terreiro de candomblé, os saberes e segredos não são ditos logo na chegada, não são revelados e demonstrados de forma automática. Para conhecer e saber é preciso experienciar, fazer parte, assim como na mediação de leitura ou quando se lê um livro:

Na lógica assente na epistemologia das macumbas a condição de não saber é necessária para o que virá a ser praticado. Essa dinâmica se inscreve na perspectiva de uma forma de educação que é compreendida como experiência, na bricolagem entre conhecimento, vida e arte.

O conhecimento é compreendido não como acúmulo de informação, mas como experiência. Assim, o que se detém enquanto saber está sempre inacabado e em aberto diante das circunstâncias e das formas de relação que serão traçadas. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 38).

Por isso, dentro desse texto, você precisará percorrer os caminhos ou os rastros das palavras para saber do que se trata a escrita, ou seja, não indicarei logo no começo dos capítulos – ou até mesmo no final deles – o que as próximas linhas abordarão.

Para finalizar, ressalta-se que o texto dessa pesquisa é um chamado para uma aproximação dos nossos corpos nessa encruzilhada que envolve palavra/leitura/mundo/mediar. Ao nos banharmos nessa correnteza verbal, o convite será para que desconfiemos das histórias contadas, e que esse desconfiar nos ajude a pensar sobre outras histórias ainda não narradas ou escritas, principalmente sobre o ato de ler. Além disso, busca-se pensar o contato com os livros de pessoas que estão em algumas situações à margem da sociedade ou sobre as nossas

identidades e histórias sobre nós, sobre os terreiros, sobre o orixá Exu e sobre o Brasil, questões que muitos insistem em esconder ou silenciar, como refletiu Beatriz Nascimento, poeta e historiadora, no documentário *O Negro, da senzala ao Soul*:

A história do Brasil é, foi uma história escrita por mãos brancas. Tanto o negro quanto o índio, quer dizer, aqueles povos que viveram aqui juntamente com o branco, não tem a sua história escrita, ainda. E isso é um problema muito sério, porque a gente frequenta universidade, frequenta escolas e não se tem uma visão correta do passado da gente, do passado do negro. Então ela não foi somente omissa, foi mais terrível ainda, porque da parte que ela não foi omissa, ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro. (NETTO; NETO, 1977, s/n).

Sobre os caminhos que surgem: uma proposta de mediação de leitura para o encanto.

6. Mediação de Leitura para o encanto

Depois de andar por muitas linhas/caminhos feitos de palavras e sentidos, Obax diz a Exu que precisa saber o final da narrativa ou as conclusões/considerações feitas sobre o que foi narrado. Ao ouvir a menina, Exu diz: “No meio da história o tempo adormece, mas a amanhã não se interrompe, pois ao debulhar a narrativa parece-lhe escutar a voz cariciosa do vento [...]” (AMADO, 2008, p. 24).

O orixá gargalhava, refletindo: “- Não há fim, menina! O que existe são reinícios. Recorda o que eu falei em alguma parte dessa nossa caminhada que a história contada estaria dentro de um tempo em espiral onde existe começo, meio e recomeço?”

Eles seguiam conversando...

Partindo da metáfora de Exu e da concepção da pedagogia dos candomblés – na qual não há fim e os acontecimentos são pensados dentro do tempo espiralar –, pode-se afirmar que esse texto não terá fim, pois o “final” será um encontro com o começo, assim como uma mediação.

O meu território de investigação para essa pesquisa foram as mediações de leitura realizadas durante dois anos dentro de empresas e indústrias. As práticas foram refletidas a partir dos saberes e poéticas do orixá Exu e dos terreiros de candomblé, em especial a partir das minhas experiências na *Nzó Kyloatala*, no qual sou filho de santo. Logo, a proposta desse estudo foi investigar as minhas experiências, os caminhos afetivos, poéticos e o que pode mobilizar a mediação-palavra, utilizando a autoetnografia como método para essa investigação (SANTOS, 2017; ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2019), além de questões como a curadoria de um acervo de livros e o corpo e os saberes presentes nas corporalidades no contexto da mediação de leitura.

Além disso, uma parte do estudo se dedicou à reflexão sobre a minha autobiografia leitora por meio da metodologia da narração de si (JOSSO, 2004) e a proposta foi pensar sobre como essas experiências (LARROSA, 2019) e atravessamentos sensíveis estão presentes na minha formação leitora e no meu corpo/*corpus* de mediador. Nessa trajetória de pesquisa, percebo que a palavra-oralidade foi a base para o meu encontro com a sensibilidade na infância. Ao chegar na adolescência, a sensibilidade e o encanto produzidos pelo conhecimento orientaram o meu pensar e o meu “voltar para o mundo” diante das violências sofridas, principalmente as perpetradas pelas palavras.

Nesse processo, ao relatar sobre mediação, mediador e território leitor, diversos outros assuntos entraram no caminho, como questões sociais, de gênero, livro, palavra, raça,

violências, leitura, corpos, poesia, leitura de mundo (FREIRE, 2011a) e silêncio etc. Com isso, concluo que mediar, antes de qualquer coisa, é tecer diálogos com mundos interiores e exteriores via palavra, livro, oralidade, leitura, histórias de vida do mediador e dos interagentes da/na mediação. Ademais, é falar sobre o não acesso, o acesso a obras impressas e muitas outras questões sociais.

A partir do cruzamento desses assuntos, foi possível avaliar que a mediação (assim como o corpo-*corpus* de um mediador de leitura) não é neutra. O ato da mediação não está alheio a questões e interesses econômicos, políticos e sociais, dentre outros atravessamentos, principalmente quando realizado dentro de uma instituição.

Portanto, no campo da mediação de leitura, especificamente a institucional, é impossível pensá-la sem ter-fazer uma reflexão (auto)crítica que abrange não somente as posturas da instituição, mas o próprio trabalho como mediador, pois em algumas situações, por exemplo, há o perigo que “a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz, os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos.” (BRANDÃO, 1981, p. 60).

Nessa pesquisa, por meio da minha curiosidade e busca por tentar compreender o meu ofício como mediador e o que é/pode ser a mediação de leitura, eu trilhei o caminho do conceito sobre mediação que me permitiu pensar e refletir sobre o que já estava exposto/posto, questão que pode ser pensada dentro da pedagogia de Exu, isto é, nada é estático e o que se apresenta é um dado histórico, portanto, existe uma possibilidade de transformação ou de caminhar por outras estradas.

Aponto como exemplo desse duvidar a compreensão sobre a metáfora da mediação pensada como “ponte”, pois no presente estudo o conceito de fazer mediação foi reorientado para a palavra “encruzilhada”. A encruzilhada permite trilhar diversos caminhos e, por meio da reflexão, foi possível constatar que o fazer mediação de leitura comporta muitas possibilidades e formas, dentro do que cada contexto apresenta. Porém, o objetivo em comum a todas essas práticas é a possibilidade de aproximação entre livros e leitoras ou leitores.

Todavia, a partir do que a pesquisa trouxe, vale refletir que essa aproximação não autoriza uma aceitação acrítica ou isenta de pressupostos ideológicos (ENGELS; MARX, 2005; BAKHTIN, 2018) por parte dos mediadores sobre a sua atuação, por isso é necessário refletir sobre o próprio fazer.

Logo, eu me arrisquei e risquei ideias sobre os espaços onde eu realizava mediação de leitura, isto é, as indústrias e empresas, sobre como um mediador de leitura pode ser tecido pelas experiências e por suas dúvidas. Nesse contexto, refleti sobre o silêncio, e sobre a

importância do diálogo e da escuta como elementos essenciais para a curadoria de um acervo, sobre corpos imantados de saberes e sobre o que pode a palavra. Dentro dessa caminhada autoetnográfica ou mediação do acontecido (de mim e dos outros), fiz mediação em uma junção com a “palavra-mundo” (FREIRE, 2011a) e todas essas costuras foram realizadas com uma linha chamada risco:

Risco de não dizer, de dizer mais, de dizer torto, de dizer o que não se queria dizer. Risco de se expor e se mostrar sem volta, sem chance de se esconder novamente. Risco de encontrar o que era mais bonito no que se viveu e nem se tinha percebido. Risco de descobrir um problema que poderia e não foi solucionado. Risco de descobrir um sentido. Ou vários para o que se realizou. Risco de ensinar algo e aprender de novo com ele. (CHRISTOV, 2012, p. 170).

Durante esse narrar, foi possível verificar que as mediações dentro das indústrias e empresas irradiavam saberes em todas as direções e os acontecimentos dessas irradiações eram imprevisíveis, sem fim, especialmente quando encontravam os corpos interagentes das leitoras e dos leitores nesses atos, situações e experiências que podem ser interpretadas a partir do corpo pedagógico, poético, ético e político de Exu:

Ninguém conhece os caminhos de Exu. Ninguém jamais o conhecerá. Ele é o mistério que vive na superfície das coisas. Ele é a própria *cultura do simulacro*,¹⁶⁵ o mestre da simulação. O dissimulado que tem prazer em provocar discórdia. A ambiguidade de Exu disfarça uma característica marcante desse orixá. [...] Ele anda em todas as direções no mesmo instante. (OLIVEIRA, 2005, p. 322).

Por isso, na trajetória da pesquisa pude refletir como um mediador ou mediadora de leitura pode ser/ter um corpo/*corpus* político, poético, ético, transgressor no local onde são realizadas as mediações. O profissional pode ser um corpo dançante, flexível e resistente, um corpo que debocha por meio das palavras, brinca com as palavras e faz da palavra semente de encanto, assim como Exu dentro de um terreiro de candomblé. Por meio das experiências vividas, entendo que o corpo desse mediador ou mediadora deve ser um espaço de invenção, “terreiro”-território que acolhe as divergências e as tensões que podem ser despertadas através das palavras.

¹⁶⁵ A ideia de simulacro trabalhada pelo filósofo Eduardo Davi de Oliveira (2005) pode ser pensada dentro das inversões, dúvidas e confusões geradas pelas peripécias de Exu, ou seja, sempre colocar os seres humanos em situações que só a partir do pensar/agir ou não agir em determinadas situações é possível “sair”, caminhar ou escolher o que se deseja/deve ser feito. Ou ainda, será que o que presencio/vivo se apresenta como “real” ou desejo acreditar que é “verdade” para não ter que encarar o conflito, o diálogo ou abandonar o que vivo? Dito isso, Exu confunde para a reflexão, para o dinamismo da vida-viver.

Logo, o que pode a palavra? A palavra possibilita uma série de construções sensíveis, assim como:

A literatura pode ser um caminho para (re)construirmos uma imagem justa sobre nós, para substituímos os “vidros de distorções” que nos acusam de não atendermos aos padrões de beleza. Pode ser um caminho para disseminarmos o direito à diversidade, o direito de gostar mais de nós mesmos(a)s. De um lado, temos trabalhado com a literatura universal, patrimônio da humanidade, aquela referenciada pelos cânones literários, uma vez saída das mãos intelectualizadas, mas de outro lado, também incluímos em nossa formação a literatura nascida de “mãos calejadas” e que tem como personagens pessoas e elementos representativos da diversidade do país. (GOMES; MAYER, 2021, p. 36).

A partir do pensamento de Luciana Gomes – mediadora de leitura e integrante da Coletiva Fiandeiras, que promove ações de sensibilização literária e culturais em duas favelas na capital de São Paulo, no caso, Real Parque e Jardim Panorama –, de Bel Santos Mayer e das considerações que essa escrita trouxe, pode-se pensar em como a palavra-linguagem é importante para o desenvolvimento das identidades múltiplas, diversas, mesmo quando a pessoa não está presente ou inserida no processo de mediação, mas que, posteriormente, é atravessada pelo saber do espaço da mediação. Também é possível pensar nos locais onde as mediações são realizadas como terras férteis para o florescimento de ideias, de ressignificação de sentidos sobre determinadas questões e até mesmo de encanto-encantamento, elementos que mobilizam a vida-viver.

Trago como exemplo do apontamento do parágrafo anterior o caso da filha da operária que levou o livro sobre educação sexual. A adolescente não estava envolvida diretamente, mas parte de sua identidade pode ter sido formada por aquelas informações, assim como a alteração da percepção da mãe sobre o acesso à informação como um meio de emancipação para questionar e refletir sobre o que pensa.

Assim como em um terreiro de candomblé, as mediações realizadas dentro das empresas e indústrias permitiam uma ligação/relação cuidadosa com a palavra e, com isso, apresentava e possibilitava outras maneiras de estar no mundo, dentro de uma relação de cuidado com o/a outro/a e com o gesto de dizer e escutar a palavra.

A partir dessa questão, pode-se refletir sobre como o espaço-tempo-vivência humana no dia a dia foi se distanciando da matéria original da palavra na sua origem: o dinamismo desenfreado do cotidiano e esse ausentar-se da escuta e da fala fizeram com que os falantes não prestassem atenção no sentido original das palavras, e o entendimento, o diálogo e a troca foram se apagando da nossa memória com o tempo. Usamos as palavras, mas não interrogamos com cuidado, sentindo e aprendendo seu sabor antes de qualquer coisa (BORDELOIS, 2003).

O espaço onde as mediações eram realizadas se constituíam como local de recuperação (cola-sutura) do elo perdido-apagado-esquecido da linguagem afetiva, ou seja, da recuperação de uma sabedoria comunitária, da vivência. Na linha de produção de uma indústria, a atenção estava voltada para a máquina, para a velocidade, para gerar riquezas para o patrão ou patroa, para o sistema do capital: exploração e venda do tempo-vida.

A mediação de leitura, muitas vezes, alterava o curso do rio desse automatismo desenfreado da vida e do labor. Por alguns instantes, isso ocorria com a semeadura da sensibilidade para com a palavra escrita ou falada, e com os diálogos e suas trocas de histórias e saberes entre os/as interagentes da mediação em contato com os livros que estavam expostos sobre as mesas ou que eram mediados.

Nesse ponto, chamo a atenção para a necessidade de voltarmos a pensar a palavra dentro dos processos de mediação de leitura, nas nossas vidas e nas nossas práticas educativas, não simplesmente por meio da emissão de palavras, mas através do pensamento sobre a palavra. Deve-se considerar o efeito provocado nos corpos pela palavra falada e quais palavras empregamos para enunciar saberes ou criar imagens sobre determinadas situações, operações que são realizadas e percebidas no dizer a palavra em um terreiro de candomblé:

[...] eu sei que não é a língua [...] que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar (hooks, 2008, p. 858).

Deve-se atentar, também, para a reflexão sobre o que revelam as palavras dos acervos que mediamos e ofertamos para as leitoras e os leitores. Com isso, é necessário descolonizar a linguagem, descolonizar o acervo e os saberes imantados nos nossos corpos e nas práticas de mediação, porém:

[...] descolonizar não se refere ao exercício ingênuo de abandono das epistemologias do norte hegemônico, mas exercício gradativo de reinvenção e revisão crítica quebrando as insularidades das histórias e realidades de produção de conhecimento. [...] O colonialismo, como espaço de poder, linguagem e instituição, inscreveu suas regras. A inteligência ocidental e suas epistemologias pautaram as estruturas de poder, entre elas a educação. Daí perguntamos: quais são as bases teóricas de nossa produção de conhecimento, por onde circulam nossas teorias, quais são nossas referências? (SILVA, 2018, p. 45).

Os pesquisadores Jesús Martín-Barbero e Gemma Lluch (2011) analisaram projetos de leituras em diversos países, como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, México e

Portugal. Com esse trabalho, chegaram a dois conceitos para definir o âmbito de atuação de projetos de leitura e escrita: as experiências e as atividades.

Para os autores, as experiências de leitura acontecem quando há continuidade e constância, quando levam em consideração os saberes e a cultura das pessoas envolvidas, e quando existe uma relação entre as ações realizadas com o território. Além disso, do encontro entre mediadoras/mediadores e leitoras/leitores, existe a partilha de saberes e experiências. As atividades, por outro lado, podem ser definidas como ações isoladas e sem ligação entre si, como o dia do livro ou um encontro na biblioteca. Ademais, ocorrem em um curto espaço de tempo e não há continuidade temporal para desencadear outras ações.

Diante desses dois conceitos, é possível afirmar que durante os dois anos em que atuei como mediador de leitura dentro de empresas e indústrias transitei entre esses dois universos, ou seja, atuei no fomento de experiências e na realização de atividades. Entretanto, estes foram trânsitos conflitivos, tensos, e muitas vezes questionei sobre o que estava fazendo. Em muitas situações cheguei a questionar a qualidade, a potência e a poética do meu trabalho como mediador. Assim, questionava a direção do projeto sobre os números excessivos de empresas que deveriam ser atendidas, uma vez que seria mais difícil fomentar experiências leitoras. A resposta para o meu questionamento foi que a não diminuição do número de indústrias e empresas envolvia uma questão de indicadores e metas que deveriam ser atingidos pela instituição.

As instituições nas quais havia sido criada uma real experiência leitora podem ser exemplificadas pelos seguintes apontamentos: eram locais em que havia um/a Agente de Leitura/mediador/a engajado/a com o livro e com a leitura, onde essa pessoa era parceiro/a nas ações de mediação e onde as visitas frequentes indicavam uma continuidade das reverberações ocorridas durante a mediação realizada por mim, dentre outras questões e situações.

Dizer que algumas mediações podem ser pensadas como atividades fundamenta-se na análise da não abertura ou engajamento por parte das indústrias e empresas em relação à leitura e quando a troca do acervo apenas seguia uma formalidade estabelecida pelo contrato, ou seja, que precisava ser realizada. Outras demandas trabalhistas realizadas por mim dentro da instituição na qual eu trabalhava, como produção de eventos, participação em reuniões ou outras atividades internas também impediam que o trabalho dentro das indústrias e empresas ocorresse com constância. Nessas situações, a prioridade dada para a chefia estava relacionada às situações internas da instituição e não ao atendimento às empresas e indústrias.

A partir do trabalho realizado nestes locais, entendi que o ato e a sensibilização para leitura de diversos gêneros e de obras literárias via mediação de leitura não acontece com poucos encontros. Percebia que quanto mais mediações e retornos eram realizados em algumas empresas e indústrias, o resultado dessa sensibilização possibilitava um processo de formação dos operários e operárias para o possível contato com os livros e com a leitura.

O resultado desse processo de formação e sensibilização verificou-se em questões como procura, facilidade e incentivo ao empréstimo de livros; no número significativo de obras retiradas; solicitações de livros (e até mesmo troca do acervo); nas ligações afetivas e conhecimentos das histórias das leitoras e dos leitores, o que trouxe um conhecimento do “DNA” do acervo e dos desejos de leitura desses/as trabalhadores/as. Além disso, ressaltam-se as trocas de impressões e devolutivas que leitores ou leitoras forneciam sobre as obras lidas do acervo.

Nas indústrias e empresas desprovidas desse trabalho educativo constante, o processo era sempre um recomeço e não havia “resultado”, ou seja, o projeto não tinha adesão ou engajamento por parte dos trabalhadores, os empréstimos não eram feitos e, assim, não era possível criar laços afetivos ou mesmo conhecer e fazer uma leitura aprofundada sobre o espaço da mediação.

Enfim, trabalhar com mediação de leitura envolve diversos aspectos: a afetividade que costura todos os atos educativos, as estratégias para o que deve ser feito, a avaliação do que é realizado, a constância de ações e a proximidade com o público para o qual as mediações são realizadas. Estas ações são primordiais para criar experiências leitoras (MARTÍN-BARBERO; LLUCH, 2011).

Nesse ponto, há um detalhe que deve ser pensado quando se aborda educação, arte e cultura: os números. Em outras palavras, quantidade não é sinônimo de bom funcionamento em algumas situações, e os números podem mascarar problemas que não estão sendo pensados ou que estão colocando em risco e prejudicando o desenvolvimento das atividades, a saúde do mediador/educador e até mesmo as ações que, quando bem desenvolvidas, podem articular outras atividades no território onde a mediação é realizada.

Todavia, vale destacar a importância do projeto no que tange à descentralização e democratização por meio de ações feitas dentro de indústrias e empresas e, em grande parte, para pessoas que têm pouco contato com a leitura-livros em decorrência da renda social ou pela falta de relacionamento com o livro e a leitura.

O meu trabalho como mediador de leitura era realizado dentro de um contexto de pequenas, médias e grandes indústrias e empresas. Nesses locais, a leitura de poesia foi a solução encontrada diante do pouco tempo que os trabalhadores/as tinham após almoçarem. Nessas mediações, além de livros, eu lia os sinais presentes nos corpos das leitoras ou leitores, que se mostravam apressados, às vezes. Porém, haviam outros repousados na calma, e estes escutavam e dialogavam tranquilamente sobre a obra mediada.

Talvez a diferença de uma mediação realizada em espaços associados a processos de ensino-aprendizagem – como museus, instituições culturais ou bibliotecas escolares – é que no contexto onde eu realizava as mediações, as pessoas não esperavam encontrar livros ou a leitura de poesia em seus locais de trabalho, logo, elas tinham a liberdade de participar ou não das mediações.

Outra questão é que os encontros dentro das indústrias e empresas com os trabalhadores foram essenciais para a curadoria do acervo a ser levado e mediado nessas instituições. O diálogo e a escuta atenta da fala dos operários e operárias foi o segredo para descobrir o que desejavam ou não ler. O escutar no espaço da mediação, muitas vezes, envolvia ouvir os ditos que estavam sub-ditos nas entrelinhas das falas, nas frases entrecortadas e não terminadas.

Por isso, era preciso praticar a pedagogia de Exu com a palavra e com a escuta para pescar sentidos dentro desse não dizer. Para isso, nas “encruzilhadas”, ou seja, nas portas dos refeitórios, eu escutava e também bordava palavras orais e mediava as escritas, feitas com linhas e caminhos de sentidos criados pelos diálogos gerados pelos livros e pelas histórias de vida dos leitores e leitoras, assim como pelas minhas histórias.

E o que estava implícito na retirada de livros por esses leitores ou leitoras? Havia um gesto de escolha por vontade própria ou por indicação feita por mim, diante do que eles apontavam que gostariam de ler ou pelos assuntos que os interessavam. Pode-se pensar que nessas escolhas havia um dispêndio de usar e preencher o tempo pós-trabalho de uma outra maneira, que não a televisão, as redes sociais, as conversas familiares ou outras distrações, ou seja, nesse gesto havia um ato de isolar-se do mundo pela leitura, um tempo dedicado/voltado para si.

Diante dessa questão, trago Ecléa Bosi e sua análise sobre a leitura de operárias de uma fábrica na cidade de São Paulo, na década de 1970, e os motivos de suas escolhas por livros, jornais ou um romance. Para a pensadora (2000, p. 95), havia no ato e na representação dessas trabalhadoras que escolhem um meio escrito para se informar “[...] um gesto mais vigoroso, de

maior empenho pessoal” que a recepção “passiva” de outros meios de comunicação, como, por exemplo, um programa de TV.

A partir das falas dos operários e operárias que escutei ao longo de dois anos durante as mediações nas indústrias e empresas e do cruzamento dessas falas com as impressões de outras mediadoras/es do projeto, avalio que algumas ações, dizeres, gestos, histórias e outros acontecimentos acendem uma palavra, ou seja, encanto: “[...] encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo.” (SIMAS; RUFINO, 2020, s/n).

Esse encanto também estava presente no meu corpo e, em certa medida, foi a poética que guiou os olhares, as dúvidas, os sentidos, os questionamentos e as procuras dentro dessa escrita-pesquisa. Desse modo, abro uma encruzilhada-proposta de caminhos e risco um ponto-definição para pensar a mediação de leitura a partir do encantamento.

Durante as mediações era plausível perceber as possibilidades poéticas suscitadas pelas palavras, pelos saberes dos livros e pelas falas dos interagentes da mediação. Observei como essas poéticas entrecruzadas reavivavam os corpos/falas para a vida por meio do saber, da poesia, da sensibilidade e da imaginação, das relações entre a realidade vivida e o que diziam os livros e até mesmo dos distanciamentos das leitoras e dos leitores das histórias que os livros traziam, como uma espécie de não aceitação de outras narrativas presentes no mundo.

Esses cruzamentos entre os diversos saberes operados durante as mediações ocorriam pela junção entre vida, palavra e livros, entre livros, palavra e vida e entre a palavra e os corpos. Assim como nos terreiros de candomblé, não ocorria uma dissociação da palavra e do corpo. Esse processo dialógico causado pela mediação de leitura pode ser refletido como o de corpos carregados de sentidos ou corpos-livros imaginativos ao:

Produzir e ler o mundo como “parábola”, pertencer-lhe de imediato ao se lhe reunir – segundo actos e atitudes psíquicas que o afirmam, o sonham e pesquisam, no eixo dos votos, angústias e sonhos “humanos” – instituí-lo como “livro” que fala, nos fala e fala de nós, eis algumas operações radicais do homem imaginativo. (DUBORGEL, 1996, p. 291).

Dentro das indústrias e empresas, vi corpos que estavam “adormecidos” que, sob o contato com a palavra, eram tomados por um encantamento e se abriam para outras possibilidades de existir por alguns minutos no espaço onde acontecia a mediação de leitura. Essas aberturas poéticas via livros-palavras permitiam outros estabelecimentos de relações sensíveis com a vida e outras movimentações corporais via leitura.

Os livros e a mediação permitiam outras revelações do dizer, outros dizeres sobre o já dito, o revelar/acordar histórias esquecidas pelas leitoras e pelos leitores. Ademais, permitia o reavivamento de poemas guardados, recitados em determinadas situações para alguém que o leitor ou leitora amou no passado e que eram “desenterrados” pelo livro mediado. Ali, estes textos ganhavam vida ao serem ditos novamente pelo/a leitor/a, por isso:

No fundo, o que o livro sugere e assegura é que ler é um ato da sensibilidade complexa da pessoa e, portanto, o que de verdade educa a leitura, mais que improváveis valores transcendentais, é a sensibilidade artística de cada pessoa, sem a qual, o ser humano expõe demais a sua mediocridade e, possivelmente, sua falta de ética. (MORENO, 2003, p. 2, tradução nossa)¹⁶⁶.

A partir da palavra encanto, trago uma proposta de abordagem ou criação de uma poética ou “Mediação de leitura para o encanto” via palavra, via acervo, pelo corpo poético, político e ético de um mediador ou de uma mediadora de leitura e pelos corpos dos leitores e leitoras, pelo aceite e inserção dos encantos e histórias presentes nos corpos de quem interage-participa/gesta a mediação junto ao mediador/a ou pelos sentidos que as leitoras e os leitores inserem durante a mediação.

A conceituação e as bases desse encantamento são as sabedorias presentes dentro dos terreiros de candomblé via palavra, pelo corpo/*corpus* de Exu e pelas suas peripécias de menino-cavaleiro elegante e andante que constrói e costura palavras com a linha da fantasia e da imaginação. Nas macumbas brasileiras, o encanto tem o objetivo de reavivar sabedorias e corpos, pois como poetizam Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto.” (2019, p. 18).

Antes de seguir caminho, é interessante pensar que nessa proposta de “Mediação de leitura para o encanto”, além da beleza e da poesia, da leveza e do descanso, também estão presentes a crítica, as dúvidas, a provocação, o deslocamento, as incertezas, os silêncios e as certezas. Todas essas questões e ações possibilitam a gestação de diálogos plurais (falar, pensar e dialogar **com** e nunca **para**) e não monológicos via palavra como uma recriação do instante, do já acontecido ou de um tempo vindouro, sempre em processo de passado diante do instante presente do acontecimento.

¹⁶⁶ No original: “En el fondo, lo que el libro sugere y afirma es que leer es un acto de la sensibilidade compleja del individuo y, por tanto, lo que de verdade educa la lectura, más que improbables valores transcendentales, es la sensibilidad artística de cada persona, sin la cual, el ser humano deja demasiado al descubierto su mediocridad y, posiblemente, su falta de ética.” (MORENO, 2003, p. 2).

Ao pensar o encantamento, o filósofo Eduardo David de Oliveira traz a importância de considerá-lo uma forma de recriação, de comprometimento com a realidade e a sua concretização ocorre por meio de atitudes:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já-dado. O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina; ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento. Como tal, o encantamento é uma atitude diante do mundo. (OLIVEIRA, 2005, p. 239).

Dentro das indústrias e empresas, embora as mediações suscitassem momentos de leveza, beleza e aproximação com os livros e com a leitura, diante da pesada rotina de trabalho, também abriam outras brechas para a percepção da realidade. A “Mediação de leitura para o encanto”, além de possibilitar a possível aproximação entre livros e leitoras ou leitores, tem como proposta poética pensar a vida via palavra, o território onde habitamos, trabalhamos e como tecemos relações e a nossa interação ou não interação com esses locais.

A mediação para o encantamento também traz como proposta pensar os corpos e as violências físicas e simbólicas que, muitas vezes, os corpos-territórios (MIRANDA, 2020) sofrem. Trata-se de pensar a mediação da palavra-livro como uma possibilidade de sentir, produzir e viver a poesia dentro das relações cotidianas.

Uma das questões que o estudo trouxe foi: é impossível mediar sem pensar que as ações e as escolhas de um mediador ou mediadora de leitura não estão isentas de responsabilidades políticas e éticas ou sem inserir a realidade social – que está “fora”, mas também dentro do espaço de mediação –, as violências, a fome, as dores, o amor e outras questões que constituem e estão pulsando na cabeça do leitor ou de um mediador ou mediadora.

É possível ler somente as palavras, sem levar em consideração o contexto e o texto dentro desse contexto? Como as questões sociais de um país que foi colonizado “respingam” nos gestos e nos atos educativos de um mediador de leitura? Em outras palavras, de que forma emitimos e lemos a palavra e os problemas, as não-perguntas, faltas de respostas e soluções trazidos por ela? Mais do que isso, de que maneira escutamos e falamos a “palavramundo”, como reflete Paulo Freire (2011a), dentro dos processos de mediação de leitura?

De que forma acolhemos ou dizemos o mundo-palavra em nossos processos educativos de-para a vida e atuação no mundo no que tange ao pensar o passado, o agora e um desejo de projeto de futuridade presente? Como reflete Paulo Freire (2014c, p. 135):

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face de injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética.

O poeta e ensaísta Alberto Pucheu (2020a, p. 159) avalia que uma das constantes na história brasileira é o silenciamento, a “[...] exclusão como estratégia de domínio colonial – com consequências drásticas em nosso tempo [...]”. Esse domínio está e se faz presente nos nossos corpos, nos pensamentos, nas palavras e, muitas vezes, nos saberes que professamos, nas nossas práticas educativas, culturais e cotidianas, seja no seio familiar e na comunidade em que vivemos, seja em nosso trabalho. Entretanto, alguns gritos de rebeldia irrompem esse “muro” de silenciamento em uma espécie de “Pedagogia do Grito” e emitem uma nova “aposta ética”, poética e política que visa a construção de um outro presente.

Sabe-se que a violência tem uma língua própria que emudece corpos, silencia, dizima e asfixia belezas e saberes. Essa violência está presente na sociedade brasileira de:

[...] todos os modos, da colonização ao neoliberalismo: pela diáspora, pela escravização, pela tortura, pelo aniquilamento das línguas, pelo estupro, pela interdição à sacralidade, pela perseguição cultural, pelas condições de moradia, pelo negrocídio, pelo tráfico, pelo subemprego, pelo desemprego, pela miséria, enfim, pelo Estado que “vai mirar na cabecinha e... fogo. (PUCHEU, 2020b, s/n).

Nesse sentido, trago o orixá Exu para “riscar” um ponto pedagógico e antipedagógico para um ato deseducativo dentro da mediação de leitura no intuito de pensar algumas questões apontadas anteriormente ou até mesmo para a seguinte reflexão: Como manter o encantamento de corpos diante de tamanha violência? Talvez o orixá provocasse com a seguinte afirmação:

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encante é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas. (SIMAS; RUFINO, 2020, s/n).

Diante dessa realidade, o encantamento seria possível somente para os corpos que adentrassem um território sensível e diverso. Por meio desse habitar dos corpos-sentidos, seria viável a desestabilização de padrões e repetições de hábitos-ideias que não refletem o “real”, mas que mascaram o que deve ser pensado, questionado, alterado, confrontado, poetizado e encantado para outra proposta de projeto poético do viver, estar e experienciar, sempre dentro

de um dinamismo/princípio de transformação que pode ser pensado e ensinado pela Cosmologia africana dos bantu-kongo: “[...] Eu estou indo-e-voltando-sendo em torno do centro das forças vitais. Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”¹⁶⁷

Em outras palavras, esse encantamento seria possível somente diante de um corpo encantado que encanta outros corpos, que multiplica o encantamento via palavra-gestos, assim como o encanto/axé presentes nos terreiros.

Nessa definição de uma “Mediação de Leitura para o encanto”, chamo a atenção para uma atuação política, poética, ética e estética de um mediador de leitura. Para isso, o ponto de partida é o conceito que tinha como proposta nas mediações realizadas dentro das indústrias e empresas e na instituição na qual trabalhava: transformar a atuação do corpo em um ato-manifesto de existir-resistir no seu lugar de ação, fazer da mediação um ato político de estar, olhar, sentir, provocar, coreografar movimentos via leitura, dialogar, silenciar, poetizar e rasurar: um corpo político em defesa do sensível e da vida, um corpo banhado nos *corpus*-saberes de Exu-brincante, um corpo quilombo-terreiro (NASCIMENTO, 2021).

Dentro desse propósito, seria preciso levar em consideração três aspectos para a defesa da vida em sua diversidade (RUFINO, 2019): primeiramente, o *político*, para se pensar a luta contra o racismo antinegro e a transgressão de traços coloniais na sociedade. Acrescento, ainda, a defesa contra todas as formas de violência: contra mulheres, pessoas trans, crianças, idosos e LGBTQIA+, contra o racismo religioso, dentre muitas outras formas de desencantamento. O segundo aspecto seria o *poético*, relacionado à reverência e à constituição de olhares mais atentos a outras contribuições sociais e culturais subalternizadas no processo de formação histórica do Brasil; e, por fim, o aspecto *ético*, para se pensar a invenção de novos seres a partir de processos educativos, ou seja, questão que só é viável por meio da junção entre vida, arte e conhecimento.

Sob os três pilares do *político*, *poético* e *ético*, essa defesa da vida via mediação de leitura é pensada e refletida a partir dos dinamismos proporcionados pelo saber e pelo conhecimento, com Exu como guia-mediador desses processos:

O conhecimento é um caminho que é feito ao caminhar passo a passo em qualquer lugar onde se pensa educação como processo vinculado à dinâmica da vida. É um caos que se organiza sem nenhuma oportunidade de se tornar prescritivo, autoritário, automático, centrado nas certezas ou em verdades absolutas. (MACHADO, 2019, p. 23)

¹⁶⁷ Tradução realizada por Tiganá Santana. Texto original: “[...] Mono i kadi kia dingo-ding (kwènda-vutukisa) kinzungidila ye didi dia ngolo zanzingila. Ngiena, kadi yateka kala ye kalulula ye ngina vutuka kala ye kalulula.” (Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau, 2001; apud SANTOS, 2019, p. 14).”

A proposta da “Mediação de leitura para o encanto” envolve pensá-la a partir do conceito de encruzilhada, pois ela permite a possibilidade de trilhar outras “estradas e caminhos” e, com isso, entrar em bifurcações, alterar rotas de pensamento, encontrar picadas e entrar noutras passagens através do conhecimento e pelo saber, como demonstrado ao longo dessa pesquisa.

O mediador Exu vive nas encruzilhadas e ele tem as palavras e o corpo como espaço de criação e invenção. Os mediadores e mediadoras também fazem das palavras escritas e faladas territórios inventivos e colocam quem faz mediação com ele/ela em uma encruzilhada semântica. Nesse aspecto, chamo a atenção para o cuidar-cuidado com as palavras, pois:

Só o encantamento pelo verbo é capaz de dotar a folha de seus atributos de cura. A ausência da palavra não potencializa a folha. A utilização da palavra errada transforma em veneno o que poderia ser o bálsamo. (SIMAS, 2013, p. 52)¹⁶⁸.

Mediar é entrar em encruzilhadas de sentidos e seguir caminhando por “estradas feitas de palavras”. Todavia, essa caminhada-processo é um andar rumo ao desconhecido ou direção. Com isso, em cada mediação-caminho percorrido existe a possibilidade de “encontrar”-assombrar-se com um acontecimento que pode surgir a partir dos diálogos com quem faz mediação junto ao mediador, do espanto com a palavra ou de algo ainda não percebido dentro das páginas dos livros, dos sustos com a vida da leitora ou do leitor ou do espanto desse interagente com o que é falado durante a mediação de leitura.

Esse caminhar rumo ao desconhecido por meio da linguagem também está presente no ato da leitura, como reflete Carlos Skliar (2019, p. 17, tradução nossa):

Porém ler não é conhecer, mas sim, perceber, entrar na desobediência da linguagem, e provavelmente pensar.
Perceber, mergulhar-se na linguagem e pensar a partir do anúncio de um abismo.
Perceber, entrar na linguagem e pensar como desejar: a boca treme. Perceber, fazer-se de linguagem e pensar como um ser frágil: o sentir vem primeiro¹⁶⁹.

¹⁶⁸ A fala de Simas é baseada no Itán sobre Ossain. O orixá Ossain vive nas florestas e recebeu o poder de Olódumaré de conhecer o mistério das folhas. Com isso, Ossain possui sabedoria para conhecer todos os vegetais, ou seja, ele sabe quais as plantas que curam e matam. Certo dia, Iansã, muito curiosa, derrubou com a sua ventania a cabaça onde Ossain guardava algumas folhas. Com a ventania, as folhas se espalharam pela floresta e com isso os outros orixás muito curiosos pegaram as folhas, ou seja, as folhas seriam a partir daquele momento suas. Porém, o orixá Ossain conclui que não valeria a pena tamanho esforço dos outros orixás, pois para imantar a folha de poder de cura era necessário conhecer a palavra certa a ser dita e só ele possuía essa sabedoria.

¹⁶⁹ No original: “Pero leer no es conocer, sino percibir, adentrarse en la desobediencia del lenguaje, y quizá pensar. Percibir, adentrarse en el lenguaje y pensar, a partir del anuncio de un abismo. Percibir, entrar al lenguaje y pensar como desejar: la boca tiembla. Percibir, hacerse lenguaje y pensar como fragilidad: el sentir es primero.”

Algumas das questões que trago para conceituar o termo “Mediação de leitura para o encanto” são feitas a partir das observações sobre os encontros com os operários e operárias. Esses trabalhadores reclamavam do trabalho que esgotava o corpo e a mente na execução do labor, do corpo que doía e levava a cabeça-pensamento para longe de onde aquela pessoa estava, de forma que o pensamento se tornava uma espécie de fuga do espaço que “aprisionava” os corpos.

No “chão de fábrica”, pela configuração de controle (FOUCAULT, 1999) dos corpos usados/educados para produzir (KUENZER, 1986), os saberes e sensibilidades dos operários e operárias eram limitados ou “silenciados” pelo contexto. Logo, a mediação de leitura era um meio de incentivar e florescer a sensibilidade, o dizer a palavra e o reconhecimento da potência das histórias individuais de cada pessoa em determinados momentos da mediação, questões que podem ser pensadas dentro da busca da autonomia e emancipação freiriana (2011b).

Sendo assim, a “Mediação de leitura para o encanto” tem como proposta provocar os sentidos e mobilizar o corpo para a percepção de suas potencialidades e experiências-belezas, o corpo para o descanso-gozo, o corpo-encruzilhada imerso e solto no mundo, provocando e sendo instigado como um barco em pleno mar orientado pelos ventos da experiência.

Para essa sensibilização, é preciso reinserir os corpos e os saberes presentes nos corpos das leitoras e dos leitores e dos mediadores e mediadoras nesse processo de mediação. Portanto, se um livro é um corpo de sentidos, o corpo humano também é habitado por uma geografia sensível de histórias e sensações. Dessa forma, no momento da leitura, esses dois corpos estabelecem relações (LITTAU, 2008), trocam sentidos e, assim, o corpo humano é sensibilizado nesse contato com o livro:

Na polissemia da palavra *sentido* talvez esteja toda a complexidade do processo de mediação. Convocamos todos os sentidos do fruidor. Buscamos a amplidão de sentidos dados às obras. Abordamos os sentidos que as várias direções culturais podem filtrar. Instigamos encontros e novos sentidos [...]. (MARTINS, 2012, p. 19).

A proposta da mediação para o encanto também pensa no descanso do corpo, no corpo dos leitores e das leitoras “ninado” pelas palavras para que ele sonhe, descanse e habite a imaginação:

A experiência da leitura acontece em espaços concretos, como também em espaços subjetivos. [...] Ocorre no nosso espaço-imaginário e no nosso espaço-corpo. Daí a importância de reconhecer o leitor, reconhecer que tem um corpo; colocar o corpo no

centro, pensar em outras formas de leitura que envolvam quem lê, como o faz, e a partir de onde o faz. (ADAME, 2021, s/n, tradução nossa)¹⁷⁰.

Nos terreiros de candomblé, o corpo não é dissociado da mente, o corpo é a mente e a mente é o corpo: corpos/*corpus* livro. É um corpo-portal (MARTINS, 2002), corpo-passagem, corpo-memória, corpo-mediador e mediado. Logo, podemos pensar tanto o corpo humano quanto o corpo do livro:

Antes de mais, o corpo é chão. Mais que território da experiência, o corpo é o território da cultura. É nele que se movimenta o tempo da ancestralidade (*Corpo Ancestral*) e dele emerge uma *Ética do Corpo*. O corpo é uma singularidade e uma estrutura ao mesmo tempo. Aqui o corpo não é pensado. Tudo é pensado através do corpo. Há uma filosofia do corpo por assim dizer. Uma filosofia que por ser corpo comporta-se como ética. A ética é um modo de educação dos corpos. Autonomia do corpo. (OLIVEIRA, 2005, p. 318).

Ao passarem por diversos lugares na sociedade, os corpos intercambiam saberes ao longo da vida e são afetados por saberes desses territórios, seja na família, na escola, no trabalho, seja no contato com os meios de comunicação ou com as diversas manifestações culturais e sociais presentes nesses lugares. Em suma, pode-se pensar que esses corpos são feitos e refeitos de sensibilidades, de violências e de muitas histórias.

Durante as mediações dentro das indústrias e empresas, essas questões eram sentidas por mim e surgiam com frequência nas falas dos/das interagentes. Com isso, era necessária uma ação mediadora comprometida com o presente, com o passado e com os acontecimentos que essas falas versavam, isto é, uma ação mediadora dialógica e espiralar, em que o presente, o passado e o futuro do instante – não necessariamente nessa ordem – se encontravam, imbricavam e se misturavam para pensar o agora que estava sendo narrado.

Os corpos das leitoras e dos leitores eram um corpo-texto e revelavam uma linguagem:

O Corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: e ele que vivo, possuo e sou para melhor e para pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou

¹⁷⁰ No original: “La experiencia de la lectura sucede en espacios concretos, pero también en espacios subjetivos. [...]. Sucede en nuestro espacio-imaginario y en nuestro espacio-cuerpo. De ahí la importancia de reconocer al lector, reconocer que tiene un cuerpo; poner el cuerpo al centro, pensar otras formas de lectura que impliquen a quién lee, cómo lo hace, desde dónde lo hace.”

transparência, alegria ou pena providas de uma difusa representação de si próprio. (ZUMTHOR, 2018, p. 25).

Portanto, a “Mediação de leitura para o encanto” também tem como proposta provocar o tempo-corpo-existir que ousamos querer esconder dentro dos processos de mediação de leitura. Ao pensar essa mediação considerando a poética de Exu, o coração das palavras, a proposta sugere um mediar que nos convoque a refletir sobre as sutilezas do viver, de forma que não nos esqueçamos das nossas histórias/memórias que precisamos contar para que a outra pessoa saiba que existem e que nos constituem.

Essa ação-atuação propõe tirar os corpos-pessoas da anestesia oriunda das condições de trabalho e da exploração coordenada pelo capital (ANTUNES, 2004), da ideologia dos detentores do poder-determinadas classes (VOLÓCHINOV, 2018) via palavra e imagens. Para isso, o mediador deve atuar de forma política, poética e ética, ou seja, o corpo e o estar do mediador são uma espécie de ato-manifesto de existir-resistir no seu lugar de atuação ao fazer a escolha de um acervo ou ao conduzir a mediação, pois:

O contrário da estesia é a anestesia, a dessensibilização que traz a crise de nossos sentidos. Seu efeito em nós deixa marcas profundas no modo de compreender o mundo e nele agir. Se por um lado ficamos com fazer criativo rebaixado, agindo como meros executores de tarefas, por outro lado não baixamos mais os olhos para o lixo jogado no chão, o corpo morto estendido no chão.

Não é demais, portanto, repensar sobre o corpo e o saber sensível como base para o conhecimento nos processos educativos. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 37, grifo das autoras).

A “Mediação de leitura para o encanto” só é possível se for realizada e observada a partir da prática/experiência, ou seja, do fazer junto, com generosidade nos atos para com as leitoras e com os leitores. Ademais, ocorre através das escolhas conscientes de um acervo e nas contribuições operadas pelos e pelas leitoras durante a mediação. Com isso, a mediação de leitura não seria uma imposição de algo, uma obrigação ou a única forma válida de conhecimento via livros. Porém, ela deve ser pensada como mais uma possibilidade de experiência (LARROSA, 2019) para o encantamento perante a escassez causada pela colonialidade-vida:

Quanto menos se vive a vida, com mais intensidade se defende a literatura, já que ela foi convertida como substituta da vida. Em um mundo como o que vivemos agora, em que é tão difícil ser protagonista das próprias aventuras que quase nem existem mais, resulta como paradoxal que se façam defesas tão fundamentalistas - ou transcendentalistas - da literatura, apresentando-a como espaço privilegiado da

aventura ou como o grande complemento da vida. (MORENO, 2003, p. 12, tradução nossa)¹⁷¹.

Nas mediações realizadas dentro das indústrias e empresas, o ato de ler dialogava com a realidade do leitor ou da leitora, com os saberes presentes sob a pele de cada pessoa. Com isso, concluo que a leitura não era a única expressão de saber válida e exclusiva para conhecer o mundo, pois existiam saberes outros assentados nos corpos, nas palavras e suas sonoridades, nas gestualidades e nos silêncios.

Portanto, creio que não é possível pensar a mediação de leitura – ou até mesmo o texto que traz em sua raiz o sentido de tudo que pode ser tecido (MCKENZIE, 2018) – sem levar em consideração a potência da vida, da palavra ou da palavra encarnada nos corpos ou até mesmo as violências que os corpos sofrem.

Desse modo, chego ao ponto onde é necessário pensar na dessacralização da leitura, ou seja, no ato de não fazê-la uma “seita” para poucos ou para iniciados. É preciso evitar pensar o livro como um objeto de culto ao ego ou como um território-reino de egolatria. Nesse processo de dessacralização, deve-se considerar a relação entre livros, leitura e escrita, e como esses três assuntos se fizeram, fazem e estão presentes no processo de colonização em solo brasileiro e na instituição desses saberes como os únicos válidos para registro do conhecimento:

A primazia do letramento, e o conseqüente privilégio da escrita, introduzido, quer em África, quer nas Américas pelos colonizadores europeus, não apenas substituiu um modo de inscrição por outro. O domínio da escrita foi instrumental na tentativa de apagamento dos saberes considerados hereges e indesejáveis pelos europeus. Tornando exclusiva a escrita letrada como fonte de conhecimento, seu domínio se superpunha, negligenciava e tentava abolir outros sistemas e conteúdos, não considerados pelo colonizador saberes qualitativos, ou sequer um saber. Domínio de poucos, excluía, marginalizava, tornava alheio o que era antes familiar. [...]. A escrita alfabética se instalava como veículo instrumental de ostracismo, segregava, estigmatizava. Não era uma adição ou um suplemento, mas, sim, uma imposição, um recurso exclusivo de difusão, assim como os valores que disseminava, fossem eles sociais, religiosos, comportamentais e de visão de mundo. A civilização da escrita, do livro, se impunha, como se fora única, verdadeira e universal em seu desejo de dominação e hegemonia, refratária a qualquer diferença. E visava ao desaparecimento simbólico ou literal do outro, o seu apagamento. (MARTINS, 2021b, p. 34-35).

Na contramão da sacralização do livro e da leitura, creio que minha atuação dentro de indústrias e empresas exercitava o que Mempo Giardinelli (2010, p. 67) chama de “Pedagogia

¹⁷¹ No original “Cuanto menos se vive la vida, con más intensidad se defiende la literatura, ya que ésta se ha convertido en sucedáneo de aquélla. En un mundo como el que ahora vivimos, en el que es tan difícil ser protagonista de las propias aventuras, en donde éstas ya ni siquiera existen, resulta paradójico que se hagan defensas tan fundamentalistas – o transcendentalistas – de la literatura, presentándola como espacio privilegiado de la aventura o como el gran complemento de la vida.”

da Leitura”, ou seja, a busca de “semear a semente do desejo de ler e estimular todas as possíveis práticas de leitura.” Dentro das indústrias, o acervo não era composto apenas por obras literárias, mas elas coabitavam e dialogavam com diversos gêneros para atrair, incentivar, oportunizar o contato dos operários e operárias com a leitura e com os livros.

Nesse contato do público com os livros também estavam presentes os 10 direitos básicos do leitor, como define o escritor Daniel Pennac (1993, p. 7), questões que precisam ser parte dessa mediação para o encantamento:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular página.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler em qualquer lugar.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar.

Ainda presente em nosso cotidiano e em nossas práticas educativas, a colonialidade reforça o não dizer, o não querer escutar e não admite outras propostas inventivas para estar no mundo. Portanto, ela nega saberes, corpos, atuações e poéticas outras/nossas. Sendo assim, em um país como o Brasil, que insiste em regar o seu solo com sangue e violência, performar a palavra, o gesto e o afeto por meio de uma “Mediação de leitura para o encanto” é pensar sobre as possibilidades de uma nova leitura e de uma reinvenção de mundo-território onde mediamos ou habitamos (do micro ao macro).

Nesse sentido, ao ter o seu ofício banhado nos três pilares – *poético, político e ético* –, imerso e ciente desse terreno chamado colonialidade, e colocado diante dessas questões em uma espécie de insistência pedagógica, dentro da proposta de “Mediação de leitura para o encanto”, um corpo-mediador de leitura diria, assim como o poeta e um dos decanos da literatura afro-brasileira, Carlos de Assumpção (2020, p. 35 e 39):

Mesmo que voltem as costas
 Às minhas palavras de fogo
 Não pararei de gritar
 Não pararei
 Não pararei de gritar...
 [...]
 Ou alcanço tudo o que eu quero
 Ou gritarei a noite inteira
 Como gritam os vulcões
 Como gritam os vendavais
 Como grita o mar
 E nem a morte terá força

Para me fazer calar.

Dessa forma, a proposta da “Mediação de leitura para o encanto” reflete sobre os locais onde são realizadas as mediações como um território para acolher e valorizar as posições marginais/das margens e a sensibilidade, em contraste com uma sociedade que preza a riqueza material ao invés de valorizar a riqueza de saberes ou dos saberes nossos, isto é, das pessoas de pés no chão ou com as mãos calejadas, mas que tem em cada palavra dita uma semente para aberturas poéticas para estar no mundo e recriar cotidianamente o território onde vive.

Nesse processo de mediação, é importante pensar a escrita dos leitores e leitoras como possibilidade de dizer, de reescrever, de estar, de imaginar, de dizer a sua palavra e questionar o mundo. Trata-se de uma reflexão cujo aporte poético se fundamenta no trabalho de Carolina Maria de Jesus (2019).

Ensinada pela colonialidade, a gramática do analfabetismo para o insensível tem como objetivo não viabilizar o sentir das *sabenças* e dos encantos presentes no cotidiano. Logo, tendo sido “alfabetizados” por essa concepção de mundo, ela não apresenta possibilidade de mudança. Diante disso, mediar leitura é, portanto, enxergar as pequenas fagulhas que estão presentes nas palavras e que podem incendiar possíveis transformações. Essa questão pode ser refletida a partir do pensamento de Ecléa Bosi (2000, p. 178), para a qual por meio dos pequenos gestos em nosso agir vê-se que:

[...] ali se estabelece uma dialética dos fenômenos tal que cada fato mudado modifica o aspecto do conjunto. Negar que uma soma de pequenos fatos, devidos à iniciativa humana, possa modificar a natureza de um sistema significa negar a própria possibilidade de uma mudança que vem à luz sobre a pressão de um agregado de forças infinitesimais cuja somatória permite um salto qualitativo.

Se não acreditamos na essência e na potência do saber, do afeto e do sensível via mediação de leitura, estamos fadados ao fracasso em relação à instauração da poética, do encanto e da sensibilidade nos nossos corpos, nos corpos dos leitores e leitoras-interagentes da mediação e em nossas vidas. Em outras palavras, estamos condenados ao desencanto.

No mais, sem uma reflexão sobre a área, é possível não pensar sobre como a mediação de leitura e como o conhecimento podem ser usados como instrumentos ideológicos que mascaram ou podem “naturalizar” alguns processos políticos de dominação e exploração provenientes das relações sociais e de poder que ocultam certas realidades ou ideias.

Após muitos caminhos percorridos, este não “final” se conecta com o “início” ao reafirmar que todo texto é uma encruzilhada, enfim!

Laroyê, Exu!

Essa dissertação foi escrita enquanto o Brasil e o mundo eram devastados pelas mortes causadas pelo vírus da COVID-19. Nesse período, além das mais de 693.853 mil mortes (UOL, 2022, s/n) pela doença no Brasil (em alguns casos, pacientes morreram por asfixia devido à falta de oxigênio nas unidades hospitalares), o país também era maltratado por um violento-hostil presidente que liderava um governo fascista, genocida, racista, homofóbico, corrupto, criminoso, miliciano, inescrupuloso, fanático, sexista, antidemocrático, anti-educação/cultura/ciência/universidades públicas, e que incentivou a perseguição de educadoras, educadores e artistas. Além disso, a FOME voltou a “reinar” no país: nesse contexto, pessoas buscavam comida nos caminhões de lixo, lixões ou faziam filas nas portas de açougues e mercados para receber doação de ossos, restos de carne e outros alimentos. Em 2020, 19 milhões de pessoas estavam em situação de insegurança alimentar, ou seja, passavam fome. E, no ano de 2022, esse número saltou para mais de 33 milhões (MADEIRO, 2022, s/n).

[01/01/2019 a 31/12/2022] - QUE NÃO SEJA ESQUECIDO!

Referências

- ABOUDRAR, Bruno Nassim; MAIRESSE, François. **La mediación cultural**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Libros UNA, 2018.
- ABRANTES, Wanda Medrado. Caminhos metodológicos para a formação de mediadores da leitura. **Cursos da Casa de Leitura, 8: Biblioteca e mediação da leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- ADAME, Erandi. **El libro es un espacio, un vacío, un cuerpo**. Jardín LAC: Lectura, arte y conversación en (y para) el espacio público, 2021. Acesso em: 10 de jan. 2023. Disponível em: <<https://www.jardinlac.org/post/jard%C3%ADn-lac-asociaci%C3%B3n-civil>>
- ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P.; ELLIS, Carolyn. Autoetnografia: un panorama. **Autoetnografia: una metodología cualitativa**. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADOLFO, Sérgio Paulo. **Nkissi Tata Dia Nguzu: estudos sobre o candomblé Congo-Angola**. Londrina (PR): EDUEL, 2010.
- AGUDELO, Darío Jaramillo. Testimonio de un lector. **Leer para comprender, Escribir para transformar: Palabras que abren nuevos caminos en la escuela**. Bogotá (COL): Ministerio de Educación Nacional, 2013.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. Acesso em: 15 de jan. 2022. Disponível em: <https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12#:~:text=Ler%20%C3%A9%20decodificar%20palavras%3B%20ler,da%20intelectualidade%20do%20homem%3B%20a>.
- ALTHUSSER, Louis. A ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- AMICHE, Sylvie; HAMNACHE; Zaïma; HÉBERT-MATRAY, Aline; SAVITSKY-MIDÉNA, Tamara. **A pequena história dos bebês e dos livros**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cidadezinha Qualquer”. **Poesia e Prosa: Volume Único**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura: outra revolução**. São Paulo: Sesc, 2017.

ALVES, Mariana de Souza. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da Releitura-PE**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Acesso em: 05 fev. 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25344/1/DISSERTA%0c3%87%0c3%83O%20Mariana%20de%20Souza%20Alves.pdf>>

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ANTÔNIO, Severino. **A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação: algumas travessias**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. Os novos proletários do mundo na virada do século. **Lutas sociais**, n. 6, p. 113-124, 1999. Acesso em: 02 de set. 2022. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18885/14036>>.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, p. 35-48, 2001. Acesso em: 08 de maio 2022. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>>.

ARAGON, Luis Eduardo Ponciano. A espessura do encontro. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 7, p. 11-22, 2003. Acesso em: 25 de jan. 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/ZBcZrsKcHmdC9XqNTbYYzrr/?format=pdf&lang=pt>>.

ARAÚJO, Ayni Estevão de; FREITAS, Felínio de Sousa; KAMUANGA, Tata. **Unzó Kyloatala - Território Cultural Bantu**. Acervo da Unzó Kyloatala - Território Cultural Bantu e Casa de Candomblé de Nação Angola-Kongo, 2022. Material não publicado.

ASSIS JUNIOR, Antônio de. **Dicionário Kimbundu-português: linguístico, botânico, histórico e corográfico**. Luanda: Edição de Argente, Santos & Cia. Ltda, 1958.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1999.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Poemas Reunidos: não pararei de gritar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ASSUMPÇÃO, Itamar; TATIT, Luiz. Dodói. **Rodopio**. São Paulo: Selo Sesc/ Dabliú Discos, 2007.

AVENDAÑO, Jairo Gutiérrez. El régimen del lector: la vigilancia moral de la lectura y el acceso a la cultura de los obreiros. **Revista Huellas de Ciudad**. Antioquia (CO): Centro de Historia de Bello; Biblioteca Pública Marco Fidel Suárez, 2012.

AVENDAÑO, Jairo Gutiérrez. "Higiene" Mental de la lectura en la modernidad colombiana, 1900-1930. **Traslaciones. Revista latinoamericana de Lectura y Escritura**, v. 2, n. 4, p.

177-197, 2015. Acesso em: 15 de mar. 2023.

<<https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/traslaciones/article/view/599>>.

ÁVILA, Alaís Ribeiro. **Mediação. Prazer em ler - Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura.** Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2007.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo: Cortez, 2007.

BAJOUR, Cecilia. **Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura.** Lima (PE): Biblioteca Nacional del Perú, 2020. Acesso em: 12 de jan. 2022. Disponível em: <<https://repositoriodigital.bn.gov.pe/bnp/recursos/2/html/literatura-imaginacion-y-silencio/4/>>.

BALLAZ, Jesús; RINCÓN, Francisco. **La lectura poliédrica: metáforas para hablar de la lectura.** Barcelona (ES): Variopinta ediciones, 2015.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013. Acesso em: 18 de dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>.

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social. Arte/educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira. **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor.** Campinas (SP): Mercado das Letras, 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a Infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. **Da leitura. O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORDELOIS, Ivonne. **A palavra ameaçada.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias.** Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

BOSI, Ecléa. **Objetos biográficos e objetos de status. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê editorial, 2004b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 10.753, 2003.** Acesso em: 11 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10753-30-outubro-2003-497306-publicacaooriginal-1-pl.html>>

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos – Cânticos irmãos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.

BRITTO, Percival Leme. **Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor**. Prazer em ler - Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura. São Paulo: Instituto C&A, 2007.

BUENO, Austregésilo Carrano. **Cantos dos malditos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

BULE-BULE. **Orixás em cordel**. Camaçari (BA): Pinaúma Editora, 2018.

CALVO, Mercedes. “Sin sentir la pasión por la lectura, el mediador sólo será puente”. **Eterna Cadênci**a, Blog Entrevista, 10-08-2020. Acesso em: 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.eteracadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/entrevistas/item/sin-sentir-la-pasion-por-la-lectura-el-mediador-solo-sera-puente.html>>.

CANDEIA. Preciso me encontrar. **Cartola**. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda, 1976.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé – tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CARVALHO, Vera Lúcia Marinzeck de. **Violetas na janela**. Petit Editora e Distribuidor, 1993.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador (BA): EDUFBA, 2010.

CERRILLO, Pedro César. **El lector literario**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016. Livro digital.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **El pequeño Chartier ilustrado: breve diccionario del libro, la lectura y la escrita**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand; Valdivia (CL): Ediciones UACH, 2022.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. São Paulo: Porto de ideias, 2012.

CONCEIÇÃO, Lúcio André da. **A pedagogia do candomblé: aprendizagens, ritos e conflitos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

CORREIA, Octaviano. Muxima é coração. **JM Madeira – Opinião e Crônicas**, 12/07/2019. Acesso em: 19 de fev. 2023. Disponível em: <https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2691/Muxima_e_Coracao>

COSTER, Eliane. **A Boca do Mundo – Exu no Candomblé**. São Paulo: Oka Comunicações, 2010. 26min.

COUTINHO, Rejane Galvão. Questões sobre a formação de mediadores culturais. **Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas–ANPAP. Anais do 18º. Encontro Nacional da ANPAP/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Org. Maria Virgínia Gordilho Martins (Viga Gordilho), Maria Herminia Oliveira Hernández–Salvador: EDUFBA, p. 3737-3749, 2009.

COUTO, Mia. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014. Acesso em: 02 de set. 2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/147/14732752003.pdf>>.

CUTI. **Sanga: poemas**. Belo Horizonte (MG): Mazza, 2002

DAL ROSSO, Sadi. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006. Acesso em: 03 de set. 2022. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a16v58n4.pdf>>.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEWEY, John. Ter uma experiência. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2010.

DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Assentamento**. Curitiba (PR): Positivo Soluções Didáticas LTDA, 2010. Aplicativo para celular.

DRAVET, Florence Marie. Corpo, linguagem e real: o sopro de exu bará e seu lugar na comunicação. **Ilha do Desterro**, v. 68, p. 15-25. Florianópolis (SC): Editora da UFSC, 2015. Acesso em: 10 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ides/a/7W9kSxNPFf9L58mqVJk3MM/?format=pdf&lang=pt>>.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2000. Acesso em: 28 de jan. 2022. Disponível em: <<https://acervus.unicamp.br/index.html>>.

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa (PT): Instituto Piaget, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, 2009. Acesso em: 10 de jan. 2023. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.

FAGUNDES, Igor. **Macumbança: poesia, música e dança**. Guaratinguetá (SP): Editora Penalux, 2020.

FARIAS, Fabíola. Quem escolhe os livros para as crianças?. **Revista Emília: Formação de Leitores**, 14 de outubro de 2020. Acesso em: 12 de dez. 2022. Disponível em: <<https://emilia.org.br/quem-escolhe-os-livros-para-as-criancas/>>.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Abrir a significação à alteridade: Multidões de Exu na Academia. **Tabuleiro de Letras**. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL-UNEB. v. 12 n. 2 (jul-dez 2018) – Salvador: UNEB; 2018.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. **AXÉ: apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá**. 2015. 244f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Acervo do autor.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. Interagentes e mediadores: quem são e como chegam às bibliotecas comunitárias?. **O Brasil que lê: Bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF); Brasil: Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), 2018. Acesso em: 15 de set. 2022. Disponível em: <<http://cclf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/>>.

FERNANDES, Odílio. Os azares de Nossa Senhora da Muxima: Um percurso de trocas, movimentações milagrosas e intolerância. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 14, p. 41-57, 2014. Acesso em: 05 de fev. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/ras.1076>>.

FERREIRA, João Victor Gonçalves. **TAMBORES DECOLONIAIS: percorrendo memórias e sonhos dos ogans nos espaços-tempos educativos dos terreiros**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Acesso em: 20 de out. 2022. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18024>>.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FIGUEIREDO, Janaína de. **Nação Angola: caboclos, Nkisis e as novas mediações**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação – Cartas pedagógicas e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Felínio de Sousa. Os percursos poéticos e afetivos de um mediador de leitura ou de como me tornei um mediador ou de como a sensibilidade atravessa o trabalho cultural. **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

FREITAS, Felínio de Sousa. Palavras que mediam tempos e ancestralidade - o encontro entre Vovó Cici e Leda Maria Martins. **Anais Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação: a memória da presença**. São Paulo: SESC/UNESP, 2022.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programas do livro**. Acesso em: 10 de abril 2022. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro>>.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos Abraços**. Porto Alegre, L&PM, 1991.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitora e ouvintes**. Belo Horizonte (MG): Editora Autêntica, 2001.

GARCIA, Edson Gabriel. Arquitetura das instâncias e ações mediadoras – contribuições de um leitor itinerante para a formulação de uma sistematização da mediação de leitura. **Prazer em ler – Volume 2: Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura**. Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2007.

GARCIA, Edson Gabriel. Ocupando espaços e fortalecendo mentes. **Prazer em ler: Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura**. Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2006.

GARRALÓN, Ana. El binomio realista. **Dossier Animación a la lectura**. Educación y Biblioteca, v. 3, n. 13, p. 41-51. Espanha (ES): 1991. Acesso em: 12 de jan. 2022. Disponível

em: <https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/108432/EB03_N013_P41-51.pdf;jsessionid=8E1292DD55CE3BAD1D7BA7CA4CA3D882?sequence=1>.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores.** Companhia São Paulo: Editora Nacional, 2010.

GIRÃO, Luis Carlos. Leituras no corpo: novos estímulos às percepções no objeto livro na obra de Katsumi Komagata. **Estação Literária**, n. 25, V. 2, MAI. 2021, p. 46-59. Acesso em: 03 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luis-Girao/publication/351825056_Leituras_no_corpo_novos_estimulos_as_percepcoes_no_objeo_o_livro_na_obra_de_Katsumi_Komagata/links/60ac4174299bf1031fc852dc/Leituras-no-corpo-novos-estimulos-as-percepcoes-no-objeto-livro-na-obra-de-Katsumi-Komagata.pdf>.

GOHN, Maria Gloria. Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social. **Revista Meta: Avaliação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, june 2009. ISSN 2175-2753. Acesso em: 03 de maio 2022. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>.

GOLDIN, Daniel. **Os livros e os dias: divagações sobre a hospitalidade da leitura.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964).** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003. Acesso em: 20 de dez. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-5NVJWV>>.

GOMES, Luciana; MAYER, Bel Santos. Abrindo veredas para ver e ler além do espelho: um estudo sobre a recepção da mitologia dos orixás afro-brasileiros por crianças. **Literatura e educação.** Porto Alegre (RS): Zouk, 2021.

GOMEZ, Victoria Ayelén; MENDES, Ana Magnólia; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos. A palavra como laço social na clínica psicodinâmica do trabalho. **Contextos Clínic [online]**. 2016, vol.9, n.2, pp. 253-264. Acesso em: 11 de jan. 2023. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000200011&lng=pt&nrm=iso>.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GUZMÁN, Adriana. **Revelación del cuerpo. La elocuencia del gesto.** México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. **História geral da África I – Metodologia e pré-história da África.** 2. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2015.

HENN, Leonardo Guedes; NUNES, Pâmela Pozzer Centeno. A educação escolar durante o período do Estado Novo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 1040-1049, 2013. Acesso em: 18 de fev. 2023. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6238738>>.

HILST, Hilda. Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2001.

HONORATO, Carlos; CAVALCANTE, Márcia; DAMASCENA, Túlio. Mediação: intencionalidade e pluralidade. **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

HONORATO, Carlos; ROCHA, Val; CAVALCANTE, Márcia. Acervo: organização e diversidade. **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 857-864, 2008. Acesso em: 20 de fev. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300007>>.

bell, hooks. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário Estatístico do Brasil 1995, V55**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. V.55. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. Acesso em: 15 de mar. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1995.pdf>.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Mobilidade social e migração no Brasil: revisão bibliográfica e elementos empíricos para análise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 16, n. 1/2, p. 55-82, 1999. Acesso em: 17 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/394>>.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

JOAQUÍN, Juan José Magán. El papel del mediador hoy: el erótico, el filósofo, el poeta. **Cátedra José Carlos Mariátegui – Artículos**. Acesso em: 22 de jun. 2022. Disponível em: https://www.catedramariategui.com/anteriores/2019/50_4_El_mediador.pdf.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

JUARROZ, Roberto. **Poesía Vertical (Antología)**. Madrid: Visor, 1991.

JUNIOR, Humberto Manoel de Santana. ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS: “Acertando o conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei somente hoje”. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade –**

UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018. Acesso em: 10 de dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4423>>.

KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Pallas Editora, 2009. Livro digital.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta Brasil, 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Editora Cortez: Autores Associados, 1986.

LACERDA, Nilma Gonçalves. Leitura uma escolha de caminhos. **Nos caminhos da literatura**. Instituto C&A; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo: Peirópolis, 2008.

LAJOLO, Marisa Lajolo; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **El silencio**. Madrid (ES): Sequitur, 2006.

LEÃO, Alessandra; HOLANDA, Juliano. Boa Hora. **Dois Cordões**. Brasil: Garganta Records, 2009. 3min59s.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **Revista África, [S. l.]**, n. 18-19, p. 103-118, 1997. Acesso em: 02 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/afrika/article/view/74962>>.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LITTAU, Karin. **Teorías de la lectura: libros, cuerpos y bibliomanía**. Buenos Aires (ARG): Manantial, 2008.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Pallas Editora, 2012.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2011.

LÓPEZ, María Emilia. Mediação e formação de leitores. **Mediação: cultura, leitura e território**. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. Acesso em: 03 de dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>.

LYONS, Martyn. A história da leitura de Gutenberg a Bill Gates. **A palavra impressa: Histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados**. 2019. 268f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019. Acesso em: 26 de abril 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019_tese_afmachado.pdf>.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de fuga: conversas sobre livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MACHADO, Marina Marcondes. Teatralidades no Corpo - o espaço cênico somos nós. **Sala Preta**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2011. Acesso em: 15 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57461>>.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. Editora Reviravolta, 2015.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, v. 6, 2010. Acesso em: 19 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>>.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARCHANT, Julieta. **Reclamar o direito de dizer tudo**. Belo Horizonte (MG): Moinhos, 2021.

MADEIRO, Carlos. Número de brasileiros com fome dispara e atinge 33,1 milhões, diz pesquisa. **Uol Notícias**, 2022. Acesso em: 31 de jan. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/06/08/fome-atinge-33-milhoes-de-pessoas-e-pais-retrocede-a-anos-90-diz-pesquisa.htm>>.

MADI, Sonia. Entre o leitor e o texto: a palavra e o gesto do mediador. **Prazer em Ler: Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura**. Instituto C&A, São Paulo: 2006

MARIANA, Maria. **Confissões de adolescente**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; LLUCH, Gemma. **Proyecto Lectura, escritura y desarrollo en la sociedad de la información**. Bogotá (CO): Cerlalc-AECID-Unesco, 2011. Acesso em: 19 de jan. 2022. Disponível em:

<https://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/76087/2011%20Cerlalc%20Lectura%20Escritura%20y%20desarrollo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

MARTÍNEZ, Gonzalo Serrano; VALDIVIA, MÉNDEZ, Mayte. Las intervenciones de los mediadores. **Revista de psicología general y aplicada: Revista de la Federación Española de Asociaciones de Psicología**, v. 52, n. 2, p. 235-253, 1999. Acesso em: 10 de jan. 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2498330>.

MARTINS, Heitor; PEDROSA, Adriano. História Afro-Atlânticas no MASP. **Histórias Afro-Atlânticas [Vol 1] Catálogo Afro-atlantic Histories** – São Paulo: MASP: Instituto Tomie Othake, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte [MG]: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. Corpo, encruzilhadas de saberes. **Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas**. Curitiba (PR): Editora Appris, 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar. **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte (MG): Departamento de Letras Românicas UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021b.

MARTINS, Mirian Celeste. Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições Instigantes. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: primeiros encontros com arte e cultura. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Revelações do corpo: estesia, conhecimento. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Penélope. **Consultoria especializada Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

MARTINS, Penélope. **Minha vida não é cor-de-rosa**. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

MARX, Karl. **O capital: Livro 1**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MCKENZIE, Donald Francis. O livro como uma forma expressiva. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. Tradução: Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MEDEIROS, Claudia; FIDALGO, Lúcia. Mapeamento de perfis de mediadores de leitura. **O Brasil que lê: Mapeamento e análise de projetos de formação de leitores no Brasil**. São Paulo: Instituto Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, 2021.

MEDINA, Maria Beatriz; PRADES, Dolores. A formação de mediadores: Por que e para que promover a leitura? **A formação dos mediadores**. São Paulo: Livros da Matriz, 2015.

MELO, Matheus. Corpo e leitura literária em perspectiva. **Revista Alere**, v. 21, n. 1, p. 233-250, 2020. Acesso em: 15 de dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos2.unemat.br/index.php/alere/article/view/4845/3734>>.

MENDES, Murilo. Metade Pássaro. **Antologia Poética: Murilo Mendes**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Explorar**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Palavra**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afrobrasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020. Acesso em: 11 de maio 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>>.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

MOREIRA, Fernanda (Ladrilha). **Exu é minha vontade de dizer poesia**. Niterói (RJ): Ladrilha, 2020.

MORENO, Víctor. Leer con los cinco sentidos. **CLIJ: Cuadernos de literatura infantil y juvenil**, v. 6, n. 54, p. 48-54, 1993.

MORENO, Victor. **Leer con los cinco sentidos**. Pamplona-Iruña (ES): Editorial Pamiela argitaletxea, 2003.

MOTA, Lia Duarte. Um corpo de leitura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2019. Acesso em: 19 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/G4RchYQgtkg8Z89rt4QSYJC/?format=pdf&lang=pt>>.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. **Contaçon de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

MUNITA, Felipe. El mediador y la promoción de la lectura. **El mediador escolar de lectura literaria. Un estudio del espacio de encuentro entre prácticas didácticas, sistemas de creencias y trayectorias personales de lectura.** Universitat Autònoma de Barcelona, 2014.

NADAF, Yasmin Jamil. Essas revistinhas que se chamam almanaque. **Revista ECOS**, v. 10, n. 1, 2011. Acesso em: 05 de abril 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/767/803>>.

NAKANO, Marilene. Diálogos sobre “Mediação: cultura, leitura e território”. **Mediação: cultura, leitura e território.** São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **Orixás: os deuses vivos da África / Orishas: the living gods of Africa in Brazil.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO); Afrodiáspora, 1995.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. **Um Exu em Nova York.** Pallas: Rio de Janeiro, 2018.

NEIRA, Eli. Alguns apuntes sobre posporno. **Biblioteca Fragmentada.** Santiago (CL), 2022. Acesso em: 12 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2016/04/Algunos-apuntes-sobre-posporno.pdf>>.

NETO, Armando Figueiredo;. NETTO, Gabriel Priolli. **O Negro, da Senzala ao Soul.** São Paulo: Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo, 1977. 45min.24s. Acesso em: 16 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5AVPrXwxh1A>>.

NEVES, André. **Obax.** São Paulo: Brinque-Book, 2010.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira.** 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2005. Acesso em: 09 de jan. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf>.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005. Acesso em: 02 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/7rJvCKTFRVMpTRvjLrKD36G/?format=pdf&lang=pt>>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2002.

OSORIO, Luis Bernardo Yepes. La promoción de la lectura: conceptos y prácticas sociales. **Jóvenes lectores. Caminos de formación**. Montevideo (UY): Ministerio de Educación y Cultura, 2013. Acesso em: 10 de janeiro 2022. Disponível em: <https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_%20Jovenes-lectores-Caminos-de-formacion_v1_010113.pdf>.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin Vicentini. "Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização." **Educação em Revista** 27, no. 1, 2011, p. 369-386. Acesso em: 10 de mar. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15IK90/S0102-46982011000100017>>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO, Elza. **O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil**. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 1, pp. 115-140. Acesso em: 08 de jan. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000100015>>.

PELBART, Peter Pál. **Filosofía de la deserción: Nihilismo, locura y comunidad**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas escolas: uma proposta educacional antirracista**. Contagem (MG): Editora Escola Cidadã, 2021.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Sociedade e estado**, v. 26, n. 3, p. 631-662, 2011. Acesso em: 11 de fev. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/FzpMmtCqpRNfzPFxbKHfd9D/?format=pdf&lang=pt>>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PETIT, Michèle. **Una infancia en el país de los libros**. México: Editorial Océano, 2008a.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008b.

PETRUCCI, Armando. Bibliotecas y lectura. Entre conservación y preservación. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PINTO, Levi Fernando Lopes Vieira. O lugar do arquivo é na encruzilhada. **Partilhas Sensíveis: diálogos sobre imagem, história e memória, mediação, arte e educação**. Volume 2. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Instituto de Artes, 2021.

POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando; SOUZA, André Ricardo de. Candomblé de caboclo em São Paulo. **Estudos Afro-Brasileiros**, v. 3, n. 1, 2022. São Paulo: OICD; Arché Editora, 2022. Acesso em: 05 de fev. 2023. Disponível em: <<http://estudosafrobrasileiros.com.br/index.php/eab/article/view/58/55>>.

PUCHEAU, Alberto. Posfácio: Carlos de Assumpção, uma história que grita. **Poemas Reunidos: não pararei de gritar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

PUCHEU, Alberto. O grito como herança. **Cult**. São Paulo: Editora Bregantini, 2020b. Acesso em: 02 de março de 2021. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-grito-como-heranca/>>.

QUINTANA, Eduardo. **Ékóolé: no candomblé também se educa**. Jundiá (SP): Paco Editorial, 2016.

RAMOS, Graciliano. **A terra dos meninos pelados**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

REIS, Dayra Iris Elias dos. **Cozinhando saberes: diálogos entre cultura, direito à memória ancestral e cultura alimentar bantu no território do Embu-Guaçu**. Acervo da Unzó Kyloatala - Território Cultural Bantu e Casa de Candomblé de Nação Angola-Kongo, 2022. Material não publicado.

REIS, João José. O candomblé na Bahia no século 19. **Histórias afro-atlânticas: [vol 2] antologia**. São Paulo: MASP, 2018.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi; SÁLÂMI, Sikirú King. **Exu e a ordem do Universo**. São Paulo: Editora Odudwa, 2011.

ROBLEDO, Beatriz Helena. Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. **Cadernos Emília, Ano 2 – Nº 3**. São Paulo: Instituto Emília, 2019.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. São Paulo: Salamandra, 1999.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROSA, Flávia. Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil. **Revista Observatório Itaú Cultural**. Nº 17 (ago./dez. 2014). São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Acesso em: 15 de abril 2022. Disponível em: <<https://issuu.com/itaucultural/docs/observatorio17/39>>.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2017. Acesso em: 04 de nov. 2021.

Disponível em:

<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SÁ, Camila Araújo. Livro, leitura, literatura e identidade: experiências de mediação informacional e educação para as relações étnico-raciais na biblioteca. **Histórias de comunidades e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

SÀLÁMÌ, Síkirù Sàlámi; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SANTANA, Tássio Ferreira. CORPO-PAMBU NZILA: poéticas ancestrais. **Corpo, poética e ancestralidade. Caderno do GIPE-CIT**. Ano 23, nº 42. 2019. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC. Salvador – BA. Acesso em: 02 de mar. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/article/view/35364>>.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Acesso em: 02 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>.

SANTANA, Tigana. A capoeira do pensamento. **Cajubi: Ruptura e Reencanto**. São Paulo: Incompleta, 2021. Acesso em: 09 de jan. de 2022. Disponível em: <https://029e89b2-ec3642c7-af7c-75a3333a2d60.filesusr.com/ugd/8edceb_b1d27e24abd241fa988d107dde5a3e56.pdf>.

SANTANA, Tiganá. Brevíssimas considerações sobre línguas bantu; em particular, a língua kikongo: memórias afro-brasileiras. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 28, p. 104-120, 2018. Acesso em: 05 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/36999>>.

SANTANA, Tiganá. Dembwa - 10 de agosto. **Maçalê**. São Paulo: Tratore, 2010. 6min33s.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki FuKiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Acesso em: 10 de ago. 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5676289/mod_resource/content/1/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf>.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Ègun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Juana Elbein dos; SANTOS Deoscoredes Maximiliano dos (Mestre Didi Asipa). **Èsù**. Salvador (BA): Editora Corrupio, 2014.

SANTOS, Maria José Onofre; SILVA, César Augusto Tibúrcio; MORGAN, Beatriz Fátima; MATIAS, Marcia Athayde. Depreciação de livros: procedimento para determinação do custo. **Congresso USP Controladoria e Contabilidade**, 5, 2005. Acesso em: 08 de nov. 2022. Disponível em: <<https://congressosp.fipecafi.org/anais/artigos52005/513.pdf>>.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Acesso em: 11 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>>.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

SEGATO, Rita Laura. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez: territorio, soberanía y crímenes de segundo estado**. Buenos Aires (ARG): Tinta Limón, 2013.

SCHUFF, Nicolás. **Vida de un lápiz**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (ARG): Limonero, 2022.

SCORSOLNI-COMIN, Fabio.; VILELA DE GODOY, Helena; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Sentidos da mediunidade nos candomblés Ketu e Efon. **Revista Cultura y Religión**, v.14, n. 2, p. 36-55, 2020. Acesso em: 03 de abril 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.cl/pdf/cultrelig/v14n2/0718-4727-cultrelig-14-02-00104.pdf>>.

SEQUEIROS, Paula. Demo-bibliodiversidade. **Mil folhas**, Nº5 – Boletim Março, 2022. Coimbra (PT): Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade Coimbra, 2022. Acesso em: 11 de dez. 2022. Disponível em: <https://www.uc.pt/site/assets/files/623129/mil_folhas_n5.pdf>.

SILVA, Luciane da. **Corpo em diáspora: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. 2018. 280 f. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Acesso em: 09 de jan. 2023. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1010148>>.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Histórias afro-atlânticas: [vol 2] antologia**. São Paulo: MASP, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: o Guardião da Casa do Futuro**. Pallas Editora, 2019.

SILVA, Vagner. **Exu: um deus afro-atlântico no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio. **Pedrinhas miudinhas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Mórula Editorial, 2019. (Ebook).

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Mórula editorial, 2018.

SILVA, Marina Pereira da. **Fabricando leitores no abc paulista**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016. Acesso em: 22 de jan. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/47685/Disserta%20a7%20a3o%20Marina%20Pereira%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

SIX, Jean-François. **Los mediadores**. Espanha: Editora Sal Terrae, 2005.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2014a.

SKLIAR, Carlos. **Hablar con desconocidos**. Barcelona (ES): Candaya, 2014b.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra: notas sobre a linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SKLIAR, Carlos. **La inútil lectura**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Editores Waldhuther, 2019.

SODRÉ, Jaime. EXU - a forma e a função. **Revista VeraCidade** – Ano IV - Nº 05 – Outubro de 2009. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM da Prefeitura de Salvador (BA). Acesso em: 10 de mar. 2022. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo4.pdf>>

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SZWARC, Laura. O corpo leitor. **Formação Leitores - Revista Emília**. Revista Emília: São Paulo, 2018. Acesso em: 20 dez. 2022. Disponível em: <<https://emilia.org.br/o-corpo-leitor/>>.

TINAJERO, Araceli. **El lector de Tabacquería: História de una tradición cubana**. Madri (ES): Editorial Verbum, 2007.

UOL NOTÍCIAS. **Covid: Sem atualização, Brasil mantém 693,8 mil mortes, segundo ministério**. Acesso em: 08 de jan. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/12/31/covid-19-coronavirus-casos-mortes-31-de-dezembro.htm?cmpid=copiaecola>>.

VAZ, Sérgio. **Flores de Alvenaria**. São Paulo: Global Editora, 2021. Edição digital.

VELOSO, Caetano. O nome da cidade. **Senhas: Adriana Calcanhotto**. Rio de Janeiro: Columbia do Brasil S.A. Indústria e Comércio. 3min.10s.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África.** São Paulo: Edusp, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WILLIAM, Rodney. Axé, a força que realiza. **Blog Diálogos da Fé.** São Paulo (SP): Editora Confiança – Carta Capital, 2017.

YUNES, Eliana. Leituras COM Partilhadas, leitores multiplicados. **Leitura e transdisciplinaridade linguagens em múltiplos olhares.** Salvador: EDUNEB, 2012. Acesso em: 21 de jan. 2023. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180504033202id_/http://periodicos.ufes.br/percursos/article/viewFile/6239/5552>.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.